

Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E O CONTEXTO LOCAL:

O caso da Praça Principal de Pitalito – Huila – Colômbia

JORGE EDUARDO CALDERÓN MINDA

Brasília, 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E O CONTEXTO LOCAL:

O caso da Praça Principal de Pitalito – Huila – Colômbia

JORGE EDUARDO CALDERÓN MINDA

Orientador: Prof. Dr. Vicente Quintella Barcellos

Dissertação de Mestrado
Brasília-DF, agosto de 2009

Calderón, Jorge Eduardo Minda

Os espaços livres públicos e o contexto local: o caso da Praça principal de Pitalito – Huila – Colômbia / Jorge Eduardo Calderón Minda.

Brasília, 2009 106p.

Orientador: Vicente Quintella Barcellos.

Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília.

1. Espaço público. 2. A praça. 3. Praça principal de Pitalito - Huila - Colômbia.



Universidade de Brasília

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Dissertação intitulada “os espaços livres públicos e o contexto local: Ocaso da Praça principal de Pitalito–Huila – Colômbia”, de autoria do mestrando Jorge Eduardo Calderón Minda, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Vicente Quintella Barcellos – FAU/UnB

(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Marta Adriana Bustos Romero – FAU/UnB

(Membro)

Prof. Dr. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos – GEA/UnB

(Membro externo)

Prof^a. Dr^a. Claudia Naves David Amarin – FAU/UnB

(Membro suplente)

Brasília-DF, 10 de agosto de 2009.

A Diana Alejandra
minha amiga e esposa
... pelo amor, motivação e apoio incondicional

AGRADECIMENTOS

A meu orientador o professor Vicente Barcellos, pela orientação, paciência e apoio no desenvolvimento deste trabalho

A Leonardo Inojosa e a sua esposa Fernanda Pirillo pela amizade e importante auxílio

A minha família e à família de minha esposa pelo carinho, apoio e incentivo a distancia

A Daniel Muñoz pela amizade e atenta revisão do texto

Aos meus amigos Brasileiros, Peruanos e Colombianos que com sua amizade fizeram mais emotiva a minha estadia nestes dois anos em Brasília

A todos que de alguma forma colaboraram para o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Visando contribuir à qualidade e adequação do desenho urbano do espaço público ao contexto local das cidades de pequeno porte, o objetivo do trabalho é estudar a praça principal de Pitalito – Huila, na Colômbia, objetivando identificar se o desenho de reforma se adapta às características físicas e ambientais do entorno. Para a consecução do objetivo, primeiramente foi realizada uma conceituação sobre os espaços livres públicos e sobre a importância da praça como o principal espaço público nas cidades de pequeno porte. Seguidamente, foram propostos e conceituados quatro princípios básicos de desenho urbano-ambiental como base para estudar a adequação do desenho ao contexto local. Posteriormente são expostas as generalidades históricas, ambientais e urbanas da cidade de Pitalito, assim como também, é exposta uma breve resenha histórica da antiga praça e as motivações e processos envolvidos no projeto de reforma da praça. Finalmente é realizado o estudo do desenho de reforma da praça sob quatro aspectos: a vegetação, os fatores ambientais, a acessibilidade e o mobiliário urbano, a fim de identificar sua adequação (ou não) às características físicas e ambientais do contexto local.

Palavras-chaves: 1. Espaço público. 2. Praça Colombiana. 3. Reforma Urbana
4. Contexto local.

RESUMEM

Visando contribuir para la calidad y adecuación del diseño urbano del espacio público al contexto local de las ciudades de pequeño porte, el objetivo del trabajo es estudiar la plaza principal de Pitalito – Huila, en Colombia, objetivando identificar si su diseño de reforma se adapta a las características físicas y ambientales del entorno. Para la consecución del objetivo, inicialmente fue realizada una conceptualización sobre los espacios libres públicos y sobre la importancia de la plaza como el principal espacio público en las ciudades de pequeño porte. Seguidamente, fueron propuestos y conceptualizados cuatro principios básicos de diseño urbano-ambiental como base para estudiar la adecuación del diseño al contexto local. Posteriormente son expuestas las generalidades históricas, ambientales y urbanas de la ciudad de Pitalito, así como también, se describe una breve reseña histórica de la antigua plaza y las motivaciones y procesos envueltos en el proyecto de reforma de la plaza. Finalmente es realizado el estudio del diseño de reforma de la plaza sobre cuatro aspectos: la vegetación, los factores ambientales, la accesibilidad y el mobiliario urbano, con el fin de identificar su adecuación (o no) a las características físicas y ambientales del contexto local.

Palabras Clave: 1. Espacio Público. 2. Plaza Colombiana. 3. Reforma Urbana
4. Contexto Local.

ABSTRACT

Aimed at contributing to the quality and adaptation of the urban design of public spaces in the local context of small-size cities, the objective of this research is to carry out a detailed study of the main square in Pitalito, Colombia, seeking to identify if its renovated design adapts to the physical and environmental characteristics of the territory. To reach that objective, a conceptualization about the free public spaces and the importance of the square as the principal public place in small size cities was initially carried out. Afterwards, the four basic principles for urban-environmental design as the base to study its adaptation in the local context were proposed. Subsequently, historical, environmental and urban areas information of the city were illustrated and in the same way, a brief historical overview of the ancient square was cited where the motivations and processes involved in the renovation of the square were described. Finally, the study of the renovation design of the square is executed taking into account four aspects: vegetation, environmental factors, accessibility and urban furniture in order to identify their suitability (or not) to the physical and environmental characteristics of local context.

Keywords: 1. Public space. 2. Colombian Square. 3. Urban Reform. 4. Local Context

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Ilustração das categorias analisadas por Romero.....	30
Figura 2	Ficha bioclimática do espaço público.....	31
Figura 3	Praça colonial.....	43
Figura 4	Praça XV de novembro. Riberão Preto.....	44
Figura 5	Jardim do ministério da educação e saúde, Rio de Janeiro.....	45
Figura 6	Vale do Anhangabaú, São Paulo.....	45
Figura 7	Pershing Square, Los ángeles.....	46
Figura 8	Centro empresarial Itaú Conceição, São Paulo.....	46
Figura 9	Praça Cidade Victoria – Pereira – Colômbia.....	55
Figura 10	Praça Bolívar – Armenia - Colômbia.....	55
Figura 11	Eje ambienta. Bogotá - Colômbia.....	56
Figura 12	Parque de los deseos. Medellín – Colômbia.....	56
Figura 13	Localização Estada do Huila.....	59
Figura 14	Localização do Município de Pitalito no Estado do Huila.....	59
Figura 15	Crescimento urbano de Pitalito até 1900.....	61
Figura 16	Crescimento urbano de Pitalito até 1960.....	61
Figura 17	Crescimento urbano de Pitalito até 1980	62
Figura 18	Crescimento urbano de Pitalito até 2000.....	62
Figura 19	Pitalito Huila.....	65
Figura 20	Espaços livres públicos de Pitalito.....	68
Figura 21	A Praça, espaço de encontro e de atividades comerciais.....	71
Figura 22	A Praça, primeira intervenção arquitetônica.....	71
Figura 23	Planta Antiga Praça de Pitalito.....	72
Figura 24	Antiga Praça de Pitalito (2006).....	72
Figura 25	Foto aérea da Nova Praça (2008).....	75
Figura 26	Planta da nova Praça: eixos e zonas.....	77
Figura 27	A Vegetação: Luz e Sombra na Praça.....	79
Figura 28	Eixo de palmas sobre a <i>Carrera 5</i> e a <i>Calle 5</i>	80
Figura 29	Eixo de palmeiras sobre a <i>Calle 5</i>	80

Figura 30	Espaço para permanência e para exposições ao ar livre.....	80
Figura 31	Características ambientais da Praça.....	84
Figura 32	Ficha bioclimática da praça principal de Pitalito.....	85
Figura 33	Corte 1.....	87
Figura 34	<i>Corte 2</i>	87
Figura 35	<i>Carrera 4</i>	87
Figura 36	<i>Calle Corte 6 e Carrera 5</i>	87
Figura 37	Corte 3.....	88
Figura 38	Muro em concreto.....	89
Figura 39	Muro em concreto (2008): engraxates.....	89
Figura 40	Resumo acessibilidade da praça.....	90
Figura 41	Mobiliário urbano do espaço público em Bogotá.....	91
Figura 42	Mobiliário Urbano (2009).....	91
Figura 43	Mobiliário urbano (2009).....	92
Figura 44	Mobiliário urbano (2008): postes de iluminação.....	92
Figura 45	Mobiliário urbano (2009): iluminação noturna.....	93
Figura 46	Mobiliário urbano (2008): canteiros.....	93
Figura 47	Mobiliário urbano (2008): fonte.....	94
Figura 48	Mobiliário urbano (2009): lixeiras.....	95

NOTA: As figuras que não apresentam fonte são propriedade do autor desta dissertação.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Categoria de análise da paisagem.....	22
Quadro 2	Elementos do clima a serem controlados.....	29
Quadro 3	Funções e características das praças.....	47
Quadro 4	Equipamentos Urbanos.....	63
Quadro 5	Identificação da vegetação existente na praça principal de Pitalito.....	81
Quadro 6	Identificação do mobiliário existente na praça principal de Pitalito.....	95

SUMARIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
LISTA DE QUADROS	11
INTRODUÇÃO	13
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE ESPAÇO PÚBLICO	18
1.1 Cidade e Espaço Público.....	18
1.2 Espaços livres públicos.....	20
1.3 O Desenho do Espaço Público e o Entorno Local.....	24
1.4 O Desafio do Espaço Público.....	35
2 A PRAÇA	38
2.1 Considerações sobre a Praça.....	38
2.2 Linhas Projetais da Praça.....	42
2.3 A Praça na Atualidade.....	49
2.4 A Praça na Cidade de Pequeno Porte.....	51
3 ESTUDO DE CASO: A PRAÇA PRINCIPAL DE PITALITO HUILA–COLÔMBIA	58
3.1 Caracterização do Município de Pitalito - Huila – Colômbia.....	58
3.2 Evolução Urbana da Cidade e suas Problemáticas.....	60
3.3 Espaço Público na Cidade.....	66
3.4 O centro da cidade.....	69
3.5 A antiga Praça.....	70
3.6 Processo de Reforma da Praça.....	73
3.7 Descrição do projeto de reforma da Praça.....	75
3.8 Principais Observações do Estudo da Reforma da Nova Praça.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

INTRODUÇÃO

O intenso processo de urbanização que há umas décadas vem caracterizando as principais cidades latino-americanas, é provocado principalmente pela migração de população das zonas rurais para a cidade que vem nela a oportunidade de melhorar suas condições de vida. Este processo trouxe como conseqüência o desmesurado crescimento da cidade e com este a degradação urbana e ambiental, repercutindo diretamente sobre a qualidade do espaço público.

A partir de então houve uma mudança em relação à maneira de se conceber o desenvolvimento urbano. Nas principais cidades latino-americanas, entre elas Bogotá a capital da Colômbia, desenvolveram-se e implementaram-se diretrizes com o propósito de fortalecer a planificação de projetos urbanos, principalmente do espaço público, apontando à recuperação e requalificação da cidade, assim como também, ao fortalecimento do convívio social.

A demanda de projetos de espaço público nas principais cidades latino-americanas e a tendência do urbanismo contemporâneo à reforma e revitalização de espaços públicos tem motivado, nas cidades de pequeno porte, ao desenvolvimento de projetos urbanísticos, porém, carecendo de normativas e diretrizes urbanísticas próprias para a atuação no espaço público. Isto tem propiciado a adoção e repetição de projetos que retomam modelos realizados nas grandes cidades e que não se adéquam às características e necessidades ambientais e urbanas destas cidades.

A partir das observações realizadas a projetos de espaço público desenvolvidos nestas pequenas cidades, encontra-se que muitos destes projetos apresentam baixa qualidade e não resultaram em espaços convidativos ou adaptáveis às necessidades da população e do entorno que, na maioria dos casos, desconhecem a realidade social e cultural da cidade dificultando o convívio e o encontro.

Esta baixa qualidade dos projetos de espaço público, poderia ser minorada se na etapa da concepção do projeto se implementaram estudos mais aprofundados sobre

as condições sociais, físicas e ambientais do entorno, de forma que a arquitetura e o urbanismo se adequem às características do contexto local.

Levando em consideração estes aspectos, a presente dissertação tem como **objeto** de estudo uma categoria de espaço livre público, em particular, a Praça das cidades de pequeno porte. **O objetivo** é estudar o projeto e compreender sua adequação às características físicas e ambientais do contexto local, considerando quatro aspectos básicos de estudo: a vegetação, os fatores ambientais, a acessibilidade e o mobiliário urbano.

Partindo da base de que, dentro do sistema do espaço público, a praça principal é o espaço livre mais representativo das cidades de pequeno porte, foi escolhida, como caso de estudo desta dissertação, a praça principal da cidade de Pitalito no estado do Huila, na Colômbia, por ser esta o principal espaço urbano que propicia o encontro, o convívio, a socialização e o lazer para seus habitantes e pela intensa apropriação que sempre a caracterizou.

O presente trabalho pretende contribuir para: a) o debate teórico sobre as problemáticas remodeladoras de praças que tem tido curso nas cidades de pequeno porte; b) à produção de conhecimento apontando ao melhoramento da qualidade arquitetônica e ambiental das atuações sobre os espaços públicos de pequenas cidades; c) ao entendimento da importância do desenvolvimento de diretrizes locais que regulamentem e guiem os processos de elaboração de desenho de espaço público, visando respostas arquitetônicas e urbanas acordes às necessidades físicas e ambientais do contexto local.

Para a consecução dos objetivos traçados, o trabalho foi organizado em torno ao estudo físico e ambiental dos espaços livres públicos. Inicialmente foi feita uma revisão teórica para definir os conceitos relacionados ao espaço público e para determinar, dentro dos princípios de desenho urbano e ambiental, quatro aspectos básicos de estudo: a vegetação, os fatores ambientais, a acessibilidade e o mobiliário urbano. Desta forma, são considerados os estudos de autores como: Arango e Salmona (2000), Barcellos (1999), Borja (2009), Caldas (2006), Leitão

(2000), Mascaró (2008), Meza e Montoya (2005), Perahia (2007), Romero (2000 e 2001), Robba e Macedo (2003), Saldarriaga (2009), Schjetnan et al. (2008), e Sun (2008).

O corpo do trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo se faz uma revisão bibliográfica para a conceituação do espaço público partindo de breves considerações sobre as relações entre espaço público e cidade. Nesta revisão destacam-se as qualidades e características do espaço público visando compreender a relevância do seu papel na cidade. Posteriormente são discutidas as relações entre o desenho urbano do espaço público e o contexto local. Seguidamente são conceituados quatro princípios básicos de estudo, os quais foram escolhidos dentre dos conceitos e princípios de desenho urbano e ambiental que trabalham os autores consultados para esta dissertação, visando destacar os aspectos que poderiam ser mais relevantes na concepção do espaço público das pequenas cidades. Estes princípios foram aplicados para o estudo de caso a fim de identificar como o projeto do desenho urbano do espaço público responde às necessidades e às características do local. Finalmente, discute-se sobre o desafio do espaço público na atualidade e o compromisso com o futuro.

No segundo capítulo é realizada uma revisão de conceitos sobre o tema do espaço público, especificamente sobre o tema da praça. É tratado o tema das tendências ou linhas projetais, enfatizando nas principais características da praça contemporânea. Seguidamente, é estudado o papel que desempenha a praça como espaço público na cidade, principalmente naquelas de pequeno porte. Finalmente estudara-se como a cidade de pequeno porte está enfrentando os processos de requalificação dos espaços públicos, especialmente das praças, e se estes processos respondem (ou não) às necessidades físicas e ambientais do entorno local.

O terceiro capítulo, o estudo de caso, discorre sobre a descrição geral do município de Pitalito – Huila na Colômbia, iniciando com uma breve resenha dos antecedentes históricos e dos processos de desenvolvimento urbano da cidade e a sua incidência sobre os espaços livres públicos. Em seguida são discutidas as principais motivações que levaram à reforma da praça principal. Finaliza-se com o estudo do

projeto de reforma da praça, para depois expor os principais aspectos negativos e positivos do projeto de reforma observados no estudo.

Finalmente se apresentam as considerações finais, onde se destacam os aspectos mais importantes da pesquisa e as recomendações para futuros trabalhos.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE ESPAÇO PÚBLICO

Neste capítulo é realizada uma revisão bibliográfica sobre a temática do espaço público partindo de breves considerações sobre as relações entre espaço público e cidade. Nesta revisão destacam-se as qualidades e características do espaço público visando compreender a relevância do seu papel na cidade. Posteriormente são discutidas as relações entre o desenho urbano do espaço público e o contexto local. Seguidamente são conceituados quatro princípios básicos de desenho urbano-ambiental propostos para o estudo de caso a fim de identificar como o projeto do desenho urbano do espaço público responde às necessidades e às características do local. Finalmente, discute-se sobre o desafio do espaço público na atualidade e o compromisso com o futuro.

1.1 Cidade e Espaço Público

A cidade tem múltiplos significados, estes dependem do sentido de vida dos cidadãos e da sua apropriação. Cada um tem uma forma de perceber e conceber a cidade e desta maneira também uma forma de participar na sua construção no dia a dia.

Na literatura encontram-se diversas definições de cidade e a sua relação com o espaço público. Estes conceitos têm sido abarcados desde diferentes focos e áreas de conhecimento onde se alude uma idéia ou conceito que, referenciados à imagem, ou a cultura, ou a história, definem a cidade como realidade ou elemento físico.

Uma cidade é uma comunidade de assentamento, é dizer, um espaço social onde um coletivo humano reside, se organiza e se reproduz socialmente. A cidade é um assentamento humano com uma estruturação estável de espaço social e com uma arquitetura de caráter permanente onde as edificações destinadas às unidades domésticas, os lugares singulares de caráter político-ideológico, e a estruturação de espaços comunitários de acesso coletivo (espaços de circulação, espaços de reunião) configuram a rede urbana própria das cidades. (CASTRO et al. 2003, p.6, tradução livre).

Desde a perspectiva da arquitetura, encontramos que “toda atividade humana (trabalhar, dormir, caminhar, pensar, falar ou descansar) precisa para sua realização de um espaço. O conjunto de espaços que um ser humano utiliza para suas atividades constitui o espaço vital” (SCHJETNAN, et al. 2008, p. 13. tradução livre). Segundo o autor, este espaço vital abarca três tipos de espaços: os espaços íntimos ou individuais, os espaços semi-públicos e os espaços públicos. A somatória destes espaços constitui o espaço vital comunitário que engloba as atividades de uma sociedade humana.

De igual forma, o mencionado autor, define os assentamentos humanos “como o espaço ou o território onde uma comunidade humana se desenvolve através da sua história”. Estes assentamentos podem-se classificar em rurais e urbanos. Assim, o autor termina por definir a cidade como “um assentamento de tipo urbano, integrado por uma comunidade humana e um meio físico em contínua interação”. Schjetnan et al. (2008, p.14 tradução livre).

Na procura de uma relação mais direta entre cidade e espaço público, Arango e Salmona (2000, p.150, tradução livre) acreditam que “a cidade é o lugar da convivência, da tolerância e da socialização e, por tanto, o lugar da criação da cultura. Neste sentido o propriamente urbano não consiste na aglomeração de edifícios e sim nos espaços que estão entre os edifícios; os edifícios são privados e o realmente público são os espaços abertos”. Desde o ponto de vista físico, afirmam que a cidade está feita pelo espaço público e que isto é o fundamental, o que define o urbano.

De igual forma, os mencionados autores, ressaltam que não todos os espaços públicos ou abertos permitem a socialização das pessoas, como por exemplo, os espaços dedicados ao automóvel ou os espaços degradados, encontrando assim, que nas cidades há muito espaço que não permite o convívio. Neste sentido os autores afirmam que “não todos os espaços urbanos fazem cidade, só alguns deles que são excepcionais e os podemos chamar espaços coletivos de socialização. São eles os que permitem que uma cidade tenha uma força de coesão para os seus

cidadãos, o que permite que uma cidade seja cidade”. (ARANGO; SALMONA; 2000, p.150, tradução livre)

Finalmente, Arango e Salmona no mesmo texto agregam que, “o espaço público é uma constante nas cidades através do tempo, não é um produto anônimo, é um resultado de processos históricos, gestado, pensado e desenhado por pessoas, concebidos simultaneamente com a arquitetura”. (ARANGO; SALMONA; 2000, p.150, tradução livre)

O espaço público possui sua própria estrutura e hierarquia e, para entender verdadeiramente a cidade e fazê-la melhor, se devem conhecer, entender e apreciar estes espaços coletivos significativos.

As cidades latino-americanas têm experimentado nos últimos tempos grandes mudanças devidas, em grande parte, aos processos acelerados de urbanização, passando assim, de assentamentos com características de continuidade baseadas na tradição, a cidades “fragmentadas”. Neste sentido se faz necessário re-pensar a cidade, tendo como objeto sua articulação e o fortalecimento da qualidade urbana.

O espaço público poderia cumprir a função de estruturar a cidade mediante a criação ou consolidação de um sistema de espaços urbanos que permita a relação entre estes e os elementos naturais do entorno, na procura de gerar qualidade ambiental e espacial. Assim, poder-se-ia contribuir ao melhoramento da qualidade de vida urbana da população, que é quem dá realmente o valor e significado do público.

1.2 Espaços livres públicos

Segundo Perahia (2007) a idéia ou conceito de espaço público tem experimentado mudanças através do tempo. Antigamente estava ligado ao termo de “espaço verde” (predomínio da vegetação). Nos últimos vinte anos se deram novos enfoques que reformulam a função do espaço público de acordo as novas condições e necessidades das cidades. Assim, aos tradicionais espaços verdes que se definiram como espaços livres, nos quais predominavam as áreas plantadas de vegetação

como as praças e os parques, se incorpora o conceito de espaço livre o qual se define como aquele espaço urbano ao ar livre de uso predominantemente pedestre, pensado para o lazer, o passeio, o esporte, etc.

Referindo-se à expressão “área verde”, Barcellos diz que foi um termo usado inicialmente por arquitetos e que depois passou a ser um termo popular para definir espaços livres onde está presente a vegetação, nomeando assim desde simples canteiros ou bosques até praças ou parques. Neste caso, a expressão área verde está-se referindo a espaço livre destinado ao lazer. O autor citando a Macedo diz que a expressão área verde, “é genérica demais para diferenciar distintas situações, pois como é sabido nem todas as áreas verdes destinam-se ao lazer e à recreação, assim como, nem todas as praças contêm necessariamente áreas ajardinadas” Barcellos (1999, p.37).

Neste sentido, Macedo (1995) define espaços livres como “todos aqueles não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho”. Assim, dentro da trama urbana encontramos como espaços livres de edificação as ruas, praças, largos, pátios, parques, jardins, etc., espaços onde as pessoas transcorrem no dia a dia da cidade.

Na concepção de Barcellos (1999, p.34), “acostuma-se definir espaço livre pelo seu oposto, o espaço fechado, o qual é determinado pela existência dos planos das paredes e tetos das edificações. O espaço livre é entendido, assim, como todo espaço não ocupado pelo volume das edificações destinadas ao abrigo das atividades humanas”. Assim, o autor enuncia que o espaço livre pode-se entender como uma fração da paisagem e, estes a sua vez, são um instrumento da arquitetura da paisagem para delimitar áreas de estudo e intervenções. Estes espaços livres como instrumento o autor os divide em duas categorias: o sistema de espaços livres urbanos e o sistema de espaços livres de urbanização. Cada uma destas categorias se divide a sua vez em espaços livres de uso público e de uso privado.

Desta forma, Barcellos (1999, p.35) explica que “**o sistema de espaços livres urbanos** compreende todos os espaços não ocupados pelas edificações no meio urbano”. Este sistema está dividido em duas categorias, os espaços livres de uso público (praças, parques, ruas), e os espaços livres de uso privado (jardins, quintais etc.). O autor afirma que a primeira categoria é a de maior complexidade.

Também explica o mencionado autor, que “**o sistema de espaços livres de urbanização** diz respeito às grandes escalas da paisagem, sua escala é a região, excetuando-se os espaços ocupados pelas urbanizações. Seu domínio é mais propriamente o das paisagens rurais e naturais”. (BARCELLOS, 1999, p.36).

No quadro 1, Barcellos (1999, p.36) apresenta uma síntese das categorias de análise da paisagem onde relaciona algumas tipologias de configuração físico-espacial dos espaços livres (urbanos e rurais), mais esclarece que este instrumento deve ser adequado segundo as necessidades e adaptado ao contexto do trabalho.

Quadro 1- Categoria de análise da paisagem.

Espaços livres Urbanos		Espaços livres de Urbanização	
Privados: Jardins residenciais ou comerciais, pátios, quintais, etc.	Públicos: Parques, praças, ruas, largos, becos, etc.	Privados: As diferentes modalidades de propriedade rural particular.	Públicos: Terras do poder público em geral, faixas de domínio de estradas, terras devolutas, áreas de marina, parques nacionais, etc.

Fonte: Barcellos (1999 p.37).

Desde a perspectiva da arquitetura caracterizam-se como público todos aqueles espaços que são acessíveis ao público. Desta forma, Schjetnan et al. (2008), define o espaço público como “zonas do entorno humano em que o encontro entre os membros de uma comunidade se dá de forma indiscriminada, mas sob o controle de ordem geral, como é o caso das praças públicas, as feiras, os centros de serviço entre outros”. (SCHJETNAN, et al. 2008, p.13, tradução livre)

Na concepção de Romero (2001, p.29)

Neste estudo definimos os espaços públicos exteriores urbanos como aqueles espaços fundamentais que freqüentemente condicionam os espaços construídos, que às vezes lhes conferem suas formas, seus relevos, suas características. São elementos essenciais da paisagem urbana que constituem os espaços de vida, que “percebem” a cidade.

Borja (2005, p.38) acredita que o espaço público é “ordenação, desenvolvimento e gestão” onde o elemento central do urbanismo em nossa época está encaminhado em como fazer da cidade um lugar de “intercâmbio”, sendo dito intercâmbio entendido não apenas como comercial, mas também de idéias. Segundo o autor, no urbanismo atual devem-se considerar três aspectos importantes: a criação de segurança; a proximidade de relações; e por último o bom ambiente, o ambiente cidadão e a qualidade do entorno.

Na procura da qualidade urbana pode-se destacar a importância do papel do espaço público ressaltando alguns dos seus atributos mais importantes:

- É um elemento unificador que estrutura, ordena e modela a cidade
- Quando o projeto de espaço público considera os aspectos ambientais da cidade, pode colaborar à conservação dos recursos naturais e ecossistemas, à redução dos níveis de contaminação e desta forma contribuir para o fortalecimento de um meio ambiente mais adequado e confortável.
- Gera espaços de convívio e socialização nas diferentes escalas urbanas, o que possibilita que todos os habitantes da cidade possam aproveitá-los.

O espaço público dá identidade e caráter à cidade. Aspectos como a forma, a função, a espacialidade, assim como também, a acessibilidade (física e visual) e a qualidade ambiental, permitem que a cidade seja reconhecida e vivida por parte dos seus habitantes e também dos visitantes.

Dentro das funções do espaço público, podemos encontrar os espaços para circulação, convívio ou encontro, expressão cultural, manifestação, esporte, contemplação da paisagem ou desfrute da natureza, entre outros. Romero (2001, p.160) desde o ponto de vista funcional, divide os espaços públicos em três categorias: os espaços do cotidiano, espaços do simbólico e espaços de passagem.

Pode-se afirmar que o espaço público é a coluna vertebral que permite integrar, organizar e dar unidade à cidade. O espaço público é também o espaço de convívio por excelência e, segundo a maneira de se organizar na cidade, possibilita o melhoramento da qualidade de vida em relação direta com o meio ambiente. Mediante a criação destes lugares de encontro e socialização as pessoas de distintas culturas e condições sócio-econômicas podem-se apropriar da cidade.

Poder-se-ia afirmar que a quantidade e qualidade de espaço público indicam, de forma aproximada, o nível de qualidade das cidades.

Dentro do sistema de espaços livres públicos urbanos, tanto a rua como a praça são os espaço de maior importância na vida urbana dos habitantes. A rua, como espaço para percorrer ou de movimento e a praça como lugar de encontro, de expressão sociocultural que, em alguns casos, supre a necessidade de espaços para o lazer. Pela sua importância e seu significado na cidade, a praça é o objeto principal da presente dissertação.

1.3 O Desenho do Espaço Público e o Contexto Local

A compreensão das múltiplas relações entre os elementos que conformam a estrutura urbana e suas inter-relações com os componentes do meio natural e, a consecução de respostas do desenho urbano que atendam às necessidades dos

usuários e as características do entorno, são uns dos problemas mais importantes que enfrenta qualquer profissional relacionado com a planificação, o desenho e construção da cidade.

Segundo a concepção de Sun (2008, p. 27)

Com critérios racionais de projeto, podem-se conferir as qualidades necessárias ao espaço do convívio social. O uso fornece elementos de articulação entre espaços públicos, promovendo e ampliando a diversidade dos usuários. Verificar o uso do espaço é fundamental para revelar as necessidades dos frequentadores e assinalar os pontos positivos e negativos dos lugares.

De acordo com Sun (2008), os seguintes aspectos são os mais relevantes para a concepção de “bons espaços”:

- Articulação ao tecido urbano
- Integração à rua e a arquitetura
- Integração da arquitetura e o terreno ao conjunto da paisagem
- Articulação as características ambientais e climáticas do entorno
- Responder às necessidades do espaço e do usuário (hábitos e costumes)
- Participação do usuário
- Qualidade na acessibilidade ao espaço
- Redução de barreiras físicas e visuais

Tendo como referência os anteriores aspectos pode-se afirmar que é fundamental considerar ao usuário como o fator principal na concepção dos projetos de espaços livres na cidade, já que sem eles o público não teria nenhum sentido. Assim, Mark Francis (apud Sun Alex, 2008, p.21) considera o “direito das pessoas de controlar seu uso e o deleite dos lugares públicos” como um dos ingredientes essenciais do sucesso dos espaços urbanos. Para o autor

Os espaços públicos são paisagens participativas, e o controle do usuário pode ser compreendido com base nas cinco dimensões propostas por Kevin Lynch para construir ‘bons’ ambientes: Presença, uso e ação, apropriação, modificação e disposição. A *presença* é o direito de acesso a um lugar, e sem ela o uso e a ação não são possíveis. *Uso* e *ação* referem-

se às habilidades das pessoas de utilizar um espaço. Com a apropriação, os usuários tomam posse de um lugar, simbolicamente ou de fato. *Modificação* é o direito de alterar um espaço para facilitar o seu uso, e *disposição* é a possibilidade de desfazer-se de um espaço público. [...] Francis defende a provisão de espaços públicos variados para acomodar os habitantes dos diversos nichos e as diferentes necessidades da população, a ampla participação do usuário na elaboração dos projetos e na manutenção dos lugares e a garantia do acesso como pré-requisito para o uso e a apropriação de um espaço público. Mark Francis (apud Sun, 2008, p.21)

Para Borja (2004, p.1) o desenho do espaço público deve articular “eixos de continuidade física e simbólica entre os novos projetos e a cidade existente, já que, se nos grandes projetos de arquitetura urbana se não resolvem bem as relações com o seu entorno, estes não podem se considerar de exitosos”. O autor também ressalta a importância de respeitar a história, a trama existente, e a tradição cultural do urbanismo de cada lugar.

Assim, o projeto de desenho de espaço público, adequado ao entorno local, é aquele que da resposta, além das necessidades do usuário, aos aspectos físicos e urbanos (naturais e artificiais), aos aspectos sócio-culturais e aos aspectos históricos.

Os espaços bem-sucedidos conseguem criar uma forte relação de identificação usuário-espaço, contribuindo positivamente para a vida na cidade.

Para o estudo dos diferentes princípios de desenho urbano do espaço público adequados ao contexto local alguns autores, como Franco (1997), Romero (2001), Sun (2008) e Mascaró (2008), sugerem que é importante estudar as características e os aspectos históricos, ambientais, urbanos, sociais, culturais e econômicos de cada cidade.

Conscientes da amplitude do tema e a fim de identificar como o projeto do desenho urbano do espaço público responde às necessidades e às características do local, se propõe estudar quatro princípios de desenho urbano e ambiental para o espaço público, selecionados dos diferentes elementos de desenho utilizados pelos autores

estudados nesta dissertação: a) a vegetação, b) os aspectos ambientais, c) a acessibilidade, d) o mobiliário urbano.

a) A Vegetação

Muitos pesquisadores do urbanismo, especificamente dos espaços livres, concordam que a vegetação desenvolve um papel relevante tanto na parte ornamental e estética, como também, para o melhoramento do conforto ambiental.

Para Schjetnan et al (2008, p.31, tradução livre) a vegetação funciona como reguladora do micro-clima urbano, assim como também, contribui à redução da contaminação atmosférica, proteção de ventos fortes, absorve o ruído e minora cheiros. Na paisagem urbana produz contraste, textura e cores, suavizando as massas de concreto e pavimento; dá escala e diversidade à paisagem urbana e, permite diferenciar e dar caráter aos diferentes espaços da cidade.

De acordo com Caldas (2006, p.3) o aproveitamento das características e qualidades da vegetação, mediante uma clara intenção no desenho, consegue identificar lugares, assim como também, conformar e hierarquizar espaços, o que permite orientar a percepção espacial, criar sentido de pertencimento e conforto ambiental.

Para a autora o uso e escolha da vegetação deve ser determinado por dois aspectos fundamentais: o espírito ou caráter do lugar e pelas qualidades morfológicas e físicas da vegetação. A autora ressalta também a importância do entendimento da relação entre o espaço, suas dimensões e o uso, para o qual descreve algumas pautas que definem o estético e o funcional, como por exemplo:

- Ordem espacial: Dimensionamento e volumetria.
- Qualidade da cor: verde da folhagem e contraste cromático da flor.
- Inter-relação espacial: comportamento das espécies dentro do espaço.

- Capacidade de adaptação as condições urbanas: solo, temperatura, luminosidade, umidade e contaminação ambiental.
- Fatores funcionais: talha, forma estrutural, raiz, floração; além do valor espacial e qualidades estéticas de acordo ao uso e ao lugar.

b) Aspectos Ambientais

Perahia (2007, p.2, tradução livre) considera o espaço livre como “equilibrante do sistema ambiental, o qual cumpre uma função ecológica que atua a modo de pulmões da cidade e da região”. Isto é possibilitado mediante a intervenção paisagística de ruas, avenidas, praças e parques. A autora ressalta três funções principais dos espaços livres:

- Uma função social: mediante espaços destinados ao encontro, ao lazer, o jogo, a contemplação da paisagem, e contato com a natureza. Espaços indispensáveis para o desenvolvimento das crianças e dos adultos.
- Uma função urbana e paisagística: mediante o uso de massas vegetais na cidade, pode-se oxigenar a massa construída, criar ritmos e pautas que permitam atenuar a heterogeneidade das edificações e dar um valor paisagístico melhorando a leitura da imagem da cidade.
- Uma função ecológica: já que a utilização da vegetação desempenha um papel importante e insubstituível na cidade como habitat da fauna, como regulador do micro-clima urbano, como fixador do óxido de carbono e o pó contéudo no ar, contribui à regulação térmica, diminui a velocidade dos ventos e a intensidade do som, da estabilidade ao solo, entre outros.

Entre os estudos dos aspectos ambientais que se verificam no espaço público encontramos o trabalho de Romero (2000), que desenvolveu os princípios de desenho urbano orientados pela conceição arquitetural do bioclimatismo, na procura de satisfazer às exigências do conforto térmico para as práticas sociais do homem. Desta forma a autora estabelece que os elementos do clima como a temperatura, os

ventos, a umidade, as chuvas e a radiação, devem ser controlados pelo desenho urbano (Quadro 2).

Quadro 2 - Elementos do clima a serem controlados.

Elementos a controlar	Estações quente-secas	Estações quente-úmidas	Clima ameno dos planaltos
Temperatura	Reduzir a produção de calor devido a condução e convecção dos impactos externos.	Reduzir a produção de calor (diminuir a temperatura) Procurar a perda de calor pela evaporação e pela convecção.	Reduzir a produção de calor na época seca diurna
Ventos	Nas regiões sem inverno: diminuir o movimento do ar durante o dia e ventilar à noite. Nas regiões com inverno: diminuir o movimento do ar.	Incrementar o movimento do ar.	Incrementar o movimento do ar no período úmido e no período seco sem pó.
Umidade	Aumentar a umidade com a introdução de superfícies de água.	Evitar a absorção de umidade e diminuir a pressão de vapor. Promover a evaporação.	Aumentar a umidade na época seca diurna e noturna.
Radiação	Nas regiões sem inverno: reduzir a absorção de radiação e promover sua perda. Nas regiões com inverno: reduzir as perdas de calor por radiação à noite.	Reduzir a absorção de radiação.	Reduzir a absorção de radiação no urbano, permitindo a radiação nos edifícios principalmente no período seco.
Chuvas	Mínima proteção nos espaços públicos.	Máxima proteção nos espaços públicos.	

Fonte: Romero (2000, p.87).

Para Romero (2001, p.9) os espaços públicos são pensados como “uma unidade arquitetônica, no qual os elementos ambientais, climáticos, históricos, culturais e tecnológicos são os elementos que o configuram como estímulos dimensionais”. De igual forma a autora destaca a importância de acondicionar e adaptar estes espaços às características do meio (topografia, a ecologia, cobertura do solo e os impactos negativos na massa construída), à cultura e à realidade, visando contribuir ao melhoramento da qualidade ambiental, o conforto e a salubridade da população.

Assim, a mencionada autora ressalta que a análise do tratamento do espaço público sob uma concepção bioclimática contempla duas categorias, o ambiente e o espaço. Estas categorias aplicadas concomitantemente permitem a verificação das inter-

relações existentes. E para o estudo dos componentes espaciais se trabalham três partes: o entorno, a base e a superfície fronteira (Fig. 1).

O entorno compreende o espaço urbano mais imediato do espaço público em questão; a base corresponde ao espaço sobre o qual se assenta o espaço público; a superfície fronteira corresponde ao espaço que forma o limite ou marco do espaço arquitetônico que nos interessa. ROMERO 2001, P. 154)

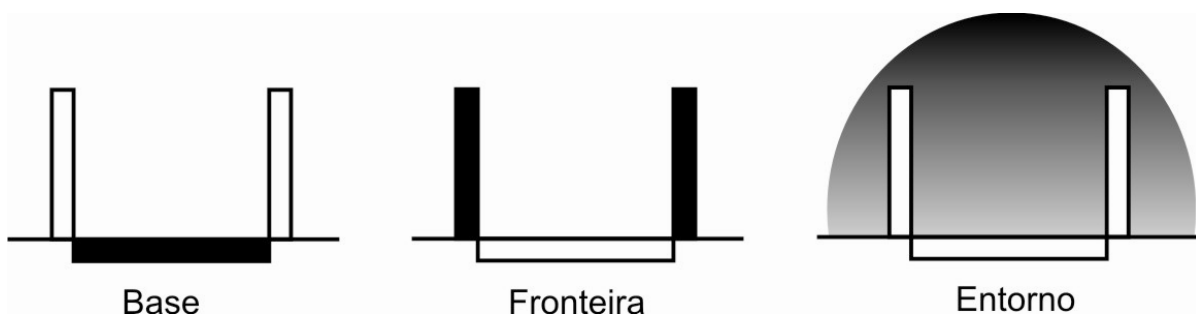


Figura 1 – Ilustração das categorias analisadas por Romero.

Fonte: Adaptado de Romero (2001, p.154).

Desta forma a mencionada autora desenvolve uma proposta incorporando princípios de arquitetura bioclimática para a análise e tratamento ambiental do espaço público, mediante uma ferramenta denominada “ficha bioclimática” (Fig. 2).

[...] a “ficha bioclimática” permite registrar de forma sistemática os dados empíricos a serem utilizados na projeção ambiental sensível do espaço. Nesta ficha os elementos espaciais e os ambientais estão agrupados tematicamente, existindo entre eles uma correspondência outorgada pelas características inerentes ao entorno, à base e à superfície fronteira. Assim por exemplo, pode-se verificar no entorno, ao mesmo tempo, a exposição do espaço ao sol, ao vento, ao som (especiais) e como essa exposição, do ponto de vista ambiental, oferece respostas de ressonância, de radiação, de velocidade do ar, entre outras (ambientais). Como a análise deve estar constituída tanto de uma parte discursiva como de uma parte gráfica, a ficha permite o registro de ambos, o que possibilita uma rápida apreciação das características essenciais do espaço analisado. (ROMERO, 2001, p.157)

ESPACIAIS		AMBIENTAIS		
ENTORNO	ACESSOS	SOL	SENSAÇÃO DE COR	COR
		VENTO	RESSONÂNCIA DO RECINTO SOMBRA ACÚSTICA	SOM
		SOM	DIRETA DIFUSA REFLETIDA	RADIAÇÃO
	CONTINUIDADE DA MASSA	UMIDADE RELATIVA TEMPERATURA DO AR	CLIMA	
CONDUÇÃO DOS VENTOS	VELOCIDADE DO VENTO			
A BASE	COMPONENTES E PROPRIEDADES FÍSICAS DOS MATERIAIS	ÁREA DA BASE	TEMPERATURAS SUPERFICIAIS ALBEDO	SOM
		PAVIMENTOS VEGETAÇÃO	AMBIENTE SONORO	
		ÁGUA MOBILIÁRIO URBANO	VARIAÇÃO SAZONAL CONJUNTO DE CORES TONALIDADE	COR
			MANCHAS DE LUZ ESTÉTICA DA LUZ	LUZ
A FRONTEIRA	CONVEXIDADE CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE	LUMINÂNCIA	CLIMA	
	TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA	INCIDÊNCIA DA LUZ DIREÇÃO DO FLUXO		
	TENSÃO ABERTURAS DETALHES ARQUITETÔNICOS	ABSORÇÃO RELEXÃO		
	NÚMEROS DE LADOS	MATIZES CLARIDADE	COR	
ALTURA	PERSONALIDADE ACÚSTICA	SOM		
ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE	QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS			

Figura 2- Ficha bioclimática do espaço público.
 Fonte: Romero (2001, p.158).

c) Acessibilidade

Para Leitão (2002) a acessibilidade é a condição que, do ponto de vista territorial, caracteriza o espaço público. Graças a ela um determinado espaço, numa localização específica e definida, se torna um espaço comum e, como tal, espaço público por definição.

De acordo com Sun Alex (2008, p. 25) “a acessibilidade é a condição primordial para a apropriação e o uso de um espaço. Entrar em um lugar é condição inicial para poder usá-lo”. O autor referenciando a Carr et al. (1995), afirma que o acesso ao espaço público se classifica em três tipos: o acesso físico, visual e simbólico ou social.

- O acesso físico: refere-se à ausência de barreiras espaciais ou arquitetônicas (construções, plantas, água, etc.) para entrar e sair de um lugar. No caso do espaço público, devem-se considerar a localização das aberturas, as condições de travessia das ruas e a qualidade ambiental dos trajetos.
- O acesso visual: Ou visibilidade, define a qualidade do primeiro contato, mesmo a distância, do indivíduo com o lugar. Perceber e identificar ameaças potenciais é um procedimento instintivo antes de alguém adentrar qualquer espaço. Uma praça no nível da rua, visível de todas as calçadas, informa aos usuários sobre o local, e por tanto propicia ao uso.
- O acesso simbólico ou social: refere-se à presença de sinais, sutis ou ostensivos, que sugere quem é e quem não é bem-vindo ao lugar. Porteiros e guardas na entrada podem representar ordem e segurança para muitos e intimidação e impedimento para outros. Construções e atividades também exercem o controle social de acesso, principalmente aos espaços fechados, em que decoração, tipo de comércio e políticas de preços são freqüentemente conjugados para atrair ou inibir determinados públicos.

A combinação dos três tipos de acesso pode tornar um espaço mais ou menos convidativo ao uso.

d) O Mobiliário Urbano

Fazendo referência aos componentes do espaço público encontra-se o mobiliário urbano (componente inerte) como resposta às necessidades urbanas elementares para o uso do espaço.

Na concepção de Mascaró (2008, p. 153)

Os elementos urbanos são objetos que equipam a cidade, por esse motivo são também chamados de mobiliário urbano, numa clara alusão ao mobiliário doméstico, encontrado no interior das residências. Da mesma maneira que mesas, cadeiras, telefones e lixeiras atendem às necessidades de uma família e, jarros, esculturas, luminárias e relógios decoram os seus lugares, quando no espaço urbano, esses mesmos elementos têm as suas funções multiplicadas, tanto quanto o número de pessoas que vão utilizá-los.

[...] O mobiliário urbano contribui para a estética e para a funcionalidade dos espaços, da mesma forma que promove a segurança e o conforto dos usuários, merecendo a atenção dos planejadores preocupados com a qualificação do ambiente público, dos recintos urbanos, das vias de circulação, das praças e parques urbanos. [...] Um conjunto de elementos, por exemplo, pode dar identidade a uma rua, ou fazer referência à cultura de uma cidade, através da utilização de signos que contribuíam a evocação do imaginário da população.

Meza e Montoya (2005, p.26, tradução livre) preferem usar o termo “elementos Urbanos”¹ para referir-se ao mobiliário urbano. Os quais são definidos como aqueles elementos que se utilizam e se integram à paisagem urbana, os quais devem ser compreensíveis para o cidadão. O conjunto de objetos que se encontram no espaço público pode ser valorado mediante o uso, integração e compreensão. Estes elementos urbanos permitem identificar e conhecer a cidade.

¹ Meza e Montoya (2005) contribuem para arraigar de forma mais universal e compreensível o termo “elementos urbanos”. Isto justificado em que o termo mobiliário urbano vem do “urbanismo classicista” onde a ornamentação (decoração) da cidade estava ligada à urbanização, sendo os móveis a resposta a umas necessidades urbanas elementares. “Hoje o urbanismo é uma ciência multidisciplinar e o fato urbano é de mais complexidade”.

Segundo os mencionados autores, podem-se reconhecer nos espaços públicos os seguintes elementos urbanos:

- Elementos de descanso: são os primeiros elementos que se identificam como mobiliário urbano (bancos e cadeiras).
- Elementos de iluminação: indispensáveis para a compreensão e funcionamento da cidade noturna (Lâmpadas, faróis e focos).
- Elementos de jardim e água: vegetação, rega, fontes e evacuação de águas. Encontra-se a Jardineira, limite ou borde arquitetônico, bebedouros e fontes.
- Elementos de comunicação: Sinalização, informação e publicidade (semáforo, pedestal para anúncios, poste de informação).
- Elementos de serviço público: mobiliário dirigido a satisfazer as necessidades derivadas dos serviços públicos básicos da cidade, como são: Transporte, telefonia, estacionamento para bicicletas, playground.
- Elementos comerciais: Mobiliário para o uso comercial privado como pontos de vendas de periódicos, livros, flores ou sorvetes, bares e postos de mercadorias.
- Elementos de limpeza: Elementos indispensáveis no espaço público para a colheita de lixo (lixeiras ou pequenos depósitos).

É importante ressaltar que, pela importância do mobiliário como elemento urbano que identificam a cidade, este deve estar concebido a partir da funcionalidade e da racionalidade. Da mesma forma deve procurar não alterar o sentido de integração, ordem e clareza urbana na leitura do espaço público.

Estes quatro aspectos básicos propostos para entender, como o projeto do desenho urbano do espaço público responde às necessidades e características do local, poderiam contribuir nos processos de atuação e requalificação dos espaços públicos e à consecução de espaços adequados física e ambientalmente ao contexto local

principalmente em aquelas cidades onde se carece de guias ou diretrizes para a atuação urbanística e ambiental no espaço público.

1.4 O Desafio do Espaço Público

O espaço público é o elemento estruturante da cidade e o espaço de convívio e socialização por natureza. O espaço público que está em dependência direta entre arquitetura e cidade tem sofrido diferentes processos de transformação através da história devido à forma de intervenção urbana, à escala da cidade e às mudanças dos modelos socioeconômicos.

Predomina entre os urbanistas, nas últimas décadas, a idéia de que o espaço público tende a perder importância em razão do surgimento de um grande número de espaços de uso coletivos de propriedade privada, como shoppings, clubes, parques privados, entre outros, que permitem novas possibilidades de socialização, com o atrativo de oferecer locais limpos, confortáveis e seguros, ao contrário das praças e parques públicos que, na maioria dos casos, se apresentam sujos, pouco confortáveis e perigosos, reflexo de uma débil intervenção por parte das administrações locais.

De acordo com Schjetnan et al. (2008, p.9 tradução livre) “um dos problemas mais significativos para quem enfrenta o desenho e planificação da cidade, é compreender as múltiplas relações entre os elementos que conformam a estrutura urbanas e suas inter-relações com o meio natural”. Neste sentido se faz necessário compreender a relevância do desenho urbano – ambiental, o qual permite conceber novas formas e critérios de intervenção urbana que possibilitam o equilíbrio com a natureza, assim como também, a consolidação do espaço público como o elemento fundamental no desenvolvimento da cidade.

Nesta procura de organizar, re-qualificar e re-estruturar a cidade, por meio do espaço público, é importante que os arquitetos, os urbanistas e as pessoas encarregadas do desenvolvimento da cidade, considerem dois pontos relevantes:

O primeiro, que o espaço público deve-se conceber a partir do homem, do cidadão; e o segundo, que no planejamento urbano deve-se estudar, compreender e implementar os aspectos físicos e ambientais do entorno local, de tal forma que implique uma avaliação dos aspectos do entorno urbano, de acordo com as necessidades de cada cidade, procurando a criação de espaços com qualidade, adequados física e ambientalmente ao entorno, confortáveis e coerentes às suas estruturas urbanas; desta forma, visando garantir a permanência no tempo.

2. A PRAÇA

Neste capítulo é realizada uma revisão de conceitos sobre o tema do espaço público, especificamente sobre o tema da praça. É tratado o tema das tendências ou linhas projetais, enfatizando nas principais características da praça contemporânea. Seguidamente, é estudado o papel que desempenha a praça como espaço público na cidade, principalmente naquelas de pequeno porte. Finalmente estuda-se como a cidade de pequeno porte está enfrentando os processos de requalificação dos espaços públicos, especialmente das praças, e se estes processos respondem (ou não) às necessidades físicas e ambientais do entorno local.

2.1 Considerações sobre a Praça

A praça tem estado presente no transcurso da evolução e histórica das cidades. Inicialmente a ágora grega e o foro romano, eram os lugares públicos onde se desenvolviam intercâmbios comerciais, discussões políticas, atividades culturais, entretenimentos populares, entre outros, caracterizando-se, como função principal, o relacionamento interpessoal. Eram estes os espaços de encontro dos habitantes de cada centro urbano. Em nossos dias esta função continua presente, embora, não é na ágora nem no foro, é na praça.

Para Gomariz (apud Sun, 2008, p. 44)

O termo *Plaza* é Latino, originário de *platea*, que por sua vez vem do grego, do qual significava “recinto amplo e plano”. É um termo usado desde os começos do idioma, pois foi utilizado pelo anônimo autor do *cantar de Mio Çid*, a obra literária mais antiga conservada em castelhano.

Sebastián de Covarrubias, em *tesoro de la lengua* (1610) escrevia sobre o vocabulário: lugar amplo e espaçoso dentro do povoado, lugar público onde se vendem mantimentos e se tem o comércio entre os vizinhos e comarcas. Antigamente, nas entradas das cidades havia *plazas*, para onde concorriam os forasteiros com seus negócios e ajustes, sem dar lugar a quem pudesse entrar e dar voltas no lugar, pelos inconvenientes que se podiam seguir; e assim naquelas *plazas* surgiam casas de pousadas e estalagens. Os juízes tinham seus tribunais às portas da cidade e estavam nestas *plazas* para fazer justiça e *emplaçar*, como era chamado o tribunal da *plaza*.

[...] Sua invenção é tão antiga quanto a das cidades, e conceitualmente nossa (*Plaza*) é herdada da ágora grega e do foro dos romanos, que a

conceberam para o intercâmbio não apenas de bolos e comidas, além de mantimentos em geral, mas também de idéias. A *plaza* era um lugar fértil de acontecimentos felizes, de pensamentos que mudaram o mundo. Os latinos não concebiam a vida social fora desse recinto público, assim não existia socialmente quem não fosse à *plaza* como indicado na expressão: “*decedere foro*”.

[...] Uma coisa é a *plaza* e outra é a rua. A rua é feita para passar com decisão: a *plaza* não; a *plaza* é para ficar ou passear, sem pretender ir a parte alguma, apenas saborear o tempo.

Poder-se-ia afirmar que a praça latino-americana é de origem religiosa, graças aos adros das igrejas. A configuração dos primeiros assentamentos coloniais tinha como norma instalar no núcleo a igreja e seu adro. Segundo Robba e Macedo (2003, p.19) “o espaço deixado frente aos templos é justamente o espaço de conformação da praça”.

A maioria das cidades latino-americanas foram desenvolvidas a partir de uma praça central que cumpre o papel simbólico de centro ou de “coração” da cidade. Esta praça está articulada ao traçado regular característico das cidades coloniais. Ao redor deste espaço livre se localizam as edificações mais representativas, as quais abrigam funções religiosas, governamentais e comerciais, encontrando assim, a igreja, a prefeitura, o teatro, etc.

A principal característica da praça é ser o espaço de encontro e convívio urbano por natureza. Este espaço constitui uns dos símbolos mais importantes do imaginário urbano da população.

Muitos pesquisadores têm definições referentes ao termo da *Praça*, concordando que é um espaço público urbano. Sun Alex (2008, p.23) afirma: “simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano. Sua importância refere-se a seu valor histórico, bem como a sua participação continua na vida da cidade”. De igual forma o autor evoca uma citação de Kevin Lynch, que ressalta a praça como “lugar de encontro e convívio social inserido na cidade e relacionado a ruas, arquitetura e pessoas”.

Robba e Macedo (2003, p.17) tratam a praça partindo de duas premissas, o uso e a acessibilidade ao espaço. Assim, definem que as praças são “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livre de veículos”. De igual forma os autores destacam que a praça é um elemento essencial na conformação urbana e está ligada às funções sociais, formais e estéticas de um assentamento.

Na opinião de Leitão (2002, p.21), nas cidades, as praças são fundamentais para o desenvolvimento da vida urbana, graças ao papel social que desempenham. A praça como unidade urbanística tem funções específicas definidas pelo uso e pela forma como os cidadãos se apropriam destes espaços. Segundo a autora, “a função das praças é definida pelo modo como cada sociedade expressa sua vida coletiva e varia em consequência das mudanças sociais e históricas vivenciadas ao longo do tempo”. Agrega a autora, que o clima também determina a função das praças, em climas quentes predomina o encontro e o descanso entre as diferentes atividades do dia. E em países frios, se destaca a função ornamental, jardins públicos destinados principalmente à contemplação.

A mencionada autora destaca no mesmo texto, que através do tempo as praças desempenharam funções diversas.

Definidas como espaços abertos de uso comum, elas foram pontos de encontro pessoal, local de reuniões públicas, espaços para a realização de espetáculos, local para execução de condenados à morte, espaços cívicos destinados a realizações de discursos marcadamente políticos, espaços onde se colocavam as estatuas e os monumentos, espaços destinados ao lazer e à contemplação, etc. (LEITÃO, 2002, p.21)

Muitas das funções da praça, nomeadas anteriormente, têm hoje apenas um valor histórico, já que com as diferentes transformações, os espaços perderam seu valor funcional; no entanto, o caráter social que sempre a caracterizou, permaneceu e permanece como a qualidade mais importante. Atualmente as funções das praças estão ligadas, principalmente, às condições urbanísticas e ambientais das diferentes cidades, assim como também, às necessidades e ao comportamento social das comunidades.

Entre as funções principais da praça atual, pode-se ressaltar: espaços para a circulação, o encontro e o convívio, manifestações populares, atividades culturais, educativas, espetáculos, esporte, lazer, e a contemplação, entre outros. Cada praça pode desempenhar mais de uma função, isto depende da apropriação do espaço e do convívio social.

Leitão (2002, p.26) apresenta três fatores que indicam a especialidade da praça, assim como também podem indicar as possíveis funções na cidade, estas são: as características do entorno, o nível socioeconômico da população e a importância simbólica.

- As características do entorno: indica o lugar onde a praça está inserida, além de definir a paisagem, compreende o que está envolto do espaço, e seu rádio de influência. Por exemplo, uma praça com função de estar e de encontro está inserida num entorno com alto fluxo de pessoas, enquanto uma praça destinada ao público infantil ou à terceira idade se localizaria em áreas circundadas por residências.
- O nível socioeconômico da população: as características socioeconômicas da população que utiliza um determinado espaço é outro indicador importante da especificidade de uma praça. Por exemplo, em áreas onde a população apresenta baixo poder aquisitivo a praça pode suprir as necessidades de diversão da comunidade que, pela escassez de recursos financeiros, esteja impedida de desfrutar de outro tipo de lazer. Neste caso a praça poder-ia ter como função principal o esporte. Já em áreas onde a população tem maior poder aquisitivo e acesso a diversas opções de lazer, o uso da praça como local de esporte destinado ao público jovem possivelmente não se realizará, assim, a prática da caminhada poder-ia ser a característica ou função principal da praça.
- A importância simbólica: os espaços simbólicos costumam ser reconhecidos graças à importância que têm tanto para a memória coletiva da cidade, quanto para a vida pessoal, mesmo quando a população não percebe isto.

Dita importância simbólica é o significado do espaço enquanto o seu valor histórico e afetivo.

A praça como espaço urbano de encontro e socialização está arraigada à cultura popular e é o veículo para o fortalecimento da cidadania. Em tal sentido, nas cidades deve-se garantir o acesso público e o uso coletivo destes espaços sob umas adequadas condições espaciais e ambientais. A praça, articulada ao tecido urbano e integrada ao entorno, joga um papel fundamental no desenvolvimento e construção da imagem da cidade.

2.2 Linhas Projetuais da Praça

A praça evoluiu através dos diferentes processos urbanos, refletindo um momento social, econômico e político da história. Desta forma podem-se encontrar diferentes tipologias e características que permitem distinguir, caracterizar e referenciar as praças nos diferentes momentos históricos.

Na Europa, no período medieval se destacam duas praças principalmente: a praça de mercado onde aconteciam todas as atividades comerciais da cidade; e a praça da igreja onde os fiéis se reuniam para as atividades religiosas.

Nas primeiras cidades latino-americanas de estrutura colonial a praça foi o primeiro espaço livre, que além de cumprir funções religiosas e comerciais, contemplava atividades, civis, militares, de lazer, convivência e passagem (Fig. 3). A partir deste centro urbano se desenvolvia centrifugamente a cidade. A praça era o espaço de integração da sociedade, que abarcava os diferentes estratos sociais, assim como também, o espaço de manifestações dos costumes e hábitos da população.



Figura 3 – Praça colonial. Configurada pelo casario do entorno. Espaço onde se desenvolvem atividades comerciais, religiosas e de lazer.

Fonte: Robba e Macedo (2003)

Robba e Macedo (2003) destacam três correntes ou linhas projetuais: o ecletismo, o modernismo e o contemporâneo, tratados a seguir.

Com a aparição das praças ajardinadas destinadas ao passeio, convivência social e contemplação da natureza, são modificadas as funções da praça colonial, que deixa de ser um espaço multifuncional de articulação urbana e passa a ser um espaço naturista para o desfrute de um determinado grupo social. Estas praças ajardinadas representam a linha projetual eclética a qual abarca os jardins do final do século XVIII até as grandes praças ajardinadas construídas nas primeiras décadas do século XX. Esta linha projetual se divide em: a linha clássica e a romântica (Fig. 4).

A linha clássica estruturou-se sobre uma rigidez geométrica no traçado e plantio, buscando sempre a ortogonalidade e a centralização. Na linha romântica se destaca uma crescente valorização da natureza e de suas imagens. O projeto se caracteriza pelas linhas orgânicas e sinuosas, a cenarização e a vegetação exuberante. Sua função principal era o passeio e a contemplação da natureza.



Figura 4 – Praça XV de novembro. Riberão Preto.

Fonte: Robba e Macedo (2003)

As Transformações sócio-econômicas e o crescimento urbano são uma realidade na segunda etapa do século XX, que exige que os espaços modernos devam ser planejados funcionalmente. Desta forma aparece a “linha moderna” para dar respostas às necessidades da sociedade, alterando o programa de usos e dando relevância ao lazer, com atividades voltadas para a recreação.

Nesta linha moderna destaca-se o lazer ativo, o qual contempla quadras esportivas, brinquedos para crianças, pistas para caminhada; embora, o lazer contemplativo continua. Apresenta-se como inovação o lazer cultural, implementando-se museus e pavilhões de exposição. Esta linha moderna perde a rigidez formal que caracteriza a linha eclética e aparecem novas linguagens mais artísticas, com formas mais sinuosas, com mais liberdade para a conceição da estrutura formal baseado na funcionalidade do espaço. A praça tem novas formas e usos e é ratificada socialmente como elemento necessário para a vida na cidade (Fig. 5 e 6).



Figura 5 – Jardim do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro. Um dos primeiros projetos do paisagista Roberto Burle Marx, realizado em 1938. Sua obra se caracteriza pelo rompimento das linhas do desenho eclético.

Fonte: www.wikipedia.org.
Acesso: abril de 2009.



Figura 6– Vale do Anhangabaú, São Paulo. Produto de uma reformatação, esta grande praça cuja função principal é a circulação, é um dos espaços mais reconhecidos na cidade.

Fonte: www.vitruvius.com.br.
Acesso: abril de 2009.

Finalizando o século XX as grandes cidades apresentam múltiplos problemas urbanos como o aumento de veículos e de pessoas, a violência, a degradação do ecossistema urbano e da qualidade de vida na cidade, entre outros. Desta forma se reformulam alguns conceitos dos programas funcionais dos espaços livres, permitindo maior liberdade na concepção dos projetos de modo a dar resposta às necessidades sociais, culturais e ambientais de cada lugar de implantação. Aparece assim a “linha contemporânea” que permite que, além de algumas funções de usos do eclético e do modernismo como o uso contemplativo, a convivência social e o lazer ativo, se destaquem os usos de comércio e serviços, ao igual que a circulação de pedestres; esta última com a tentativa de solucionar o problema de circulação dos pedestres e dos veículos, típico nas grandes cidades.

A liberdade contemporânea permite que uma praça possa especializar-se em determinado uso ou possa ser um espaço multifuncional e adaptável; isto depende diretamente do diagnóstico de vocação e das necessidades do setor onde se está inserindo a praça.

Esta linha contemporânea caracteriza-se também pelos traçados geométricos livres e irreverentes, o pluralismo formal e funcional, os grandes espaços para circulação, a reestruturação e a revitalização de espaços degradados, destacando-se uma cultura ambiental. A liberdade tanto de uso como de forma, permite que os arquitetos explorem e combinem diferentes propostas que possam apontar a respostas mais acertadas na procura da apropriação do espaço por parte do usuário (Fig. 7 e 8).



Figura 7 – Pershing Square, Los Angeles.

Distingue-se a variedade formal e conceitual. Este tipo de projetos internacionais influencia a produção latino-americana.

Fonte: www.imageshack.us.

Acesso: abril de 2009.



Figura 8 – Centro Empresarial Itaú Conceição, São Paulo.

Esta praça é um espaço privado de apropriação pública. Contempla atividades de lazer, contemplação, convivência e circulação de pedestres.

Fonte: Robba e Macedo (2003).

No quadro 3, se faz uma adaptação do quadro de Robba e Macedo (2003, p.152), no qual se adicionam as principais características do desenho de cada um dos períodos da praça. No quadro original os autores apresentavam um resumo da evolução e das funções das praças brasileiras dos tempos coloniais até o fim do século XX.

Quadro 3 - Funções e características das praças

Período	Colonial	Eclético	Moderno	Contemporâneo
Função social das praças	Convívio social Uso religioso Uso militar Comércio e feiras Circulação Recreação	Contemplação Passeio Convívio social Cenário	Contemplação Recreação Lazer esportivo Convívio social Cenário	Contemplação Recreação Lazer esportivo Convívio social Comércio Serviços Circulação Cenário
principais Características do desenho	Desenho pré-elaborado sobre uma retícula regular. Presença de um templo e de edifícios representativos em seu entorno. A partir deste núcleo a cidade cresce centrifugamente. Uso do jardim destinado à contemplação.	Linha clássica: Rigidez geométrica de seu traçado e plantio. Ortogonalidade, eixos simetria, centralização. Passeio perimetral. Linha romântica: traçado orgânico e sinuoso, passeio que percorrem toda a área, utilização cênica da vegetação. Ajardinamento dos espaços livres.	Formas orgânicas, geométricas e mistas. Liberdade na composição formal, respeitando os dogmas modernistas. Circulação estruturada por seqüência de estares. Vegetação utilizada como elemento tridimensional de configuração de espaços. Valorização da flora nativa.	Formalismo gráfico como contraponto à praça ajardinada. Reconfiguração e mudanças estruturais. Colagem decorativa e irreverência. Direcionamento do uso para a passagem de pedestres e a circulação, com a criação de esplanadas e a valorização da praça seca. Criação de espaços multifuncionais e adaptáveis, para ser usados pela população das mais diversas formas.

Fonte: Adaptado de Robba e Macedo (2003, p.152).

As linhas ou tendências estéticas, a eclética e a moderna, podem ser interpretadas e identificadas claramente pelas correntes do pensamento da história da arquitetura. A linha contemporânea, marcada pelas transformações sociais, culturais, tecnológicas, a globalização e as amplas mudanças nos conceitos que têm levado a um momento que poderíamos chamar de “pluralidade contemporânea”, onde todo é possível, não têm permitido uma clareza teórica que possa definir-la; ainda é uma linguagem em construção.

Os arquitetos contemporâneos trabalham com novos valores éticos e estéticos da sociedade, junto com certo interesse pelas questões ecológicas, ambientais e da natureza; tudo isto permite distintas criações artísticas atadas a diversos conceitos e idéias.

Poder-se-ia dizer que a cobertura mundial da informação, que permite estar em contato com as tendências de vanguarda, contribui à pluralidade que nutre e estrutura a produção da arquitetura contemporânea. Desta forma, muitas das cidades, entre elas as latino-americanas, adotam como guia conceitos e modelos baseados em uma ampla diversidade formal e conceitual que caracterizam a arquitetura internacional contemporânea, para assim, desenvolver e suprir a demanda de projetos urbanos de espaço público.

A partir do anterior enunciado é lançado o seguinte questionamento: Até que ponto os profissionais da arquitetura e do urbanismo estão adaptando estas novas formas e conceitos ao contexto local, é dizer, estão atendendo às diferentes necessidades e características sociais, culturais, físicas e ambientais que definem e identificam cada uma das cidades latino-americanas?

2.3 A Praça na atualidade

As influências formais e conceptuais do tratamento paisagístico da arquitetura européia e americana, principalmente, têm repercutido muito no desenvolvimento de projetos da praça na maioria das cidades latino-americanas. Muitos destes projetos não resultaram espaços muito convidativos ou adaptáveis às necessidades da população e do entorno, muitas vezes dificultando o convívio e o encontro, que caracteriza as praças tradicionais, fragmentando o espaço urbano e desconhecendo a realidade e cultura das cidades onde estão sendo inseridas.

A degradação física, ambiental e social dos espaços livres, entre eles a praça, tem afastado ao usuário destes espaços, os quais encontram em outros espaços, como

os *shoppings center*, parques de diversões, clubes sociais, estádios, museus, entre outros, a oportunidade de desenvolver as atividades que muitas das praças atuais não convidam realizar.

No caso do *shopping center*, dita problemática é aproveitada para seu próprio benefício, apresentando-se assim, como um espaço compacto e de atividades múltiplas como, comércio, recreação, lazer, contemplação, entre outros; além disso, com a capacidade de recriar a natureza e de garantir conforto e segurança. Os *shoppings* não apresentam os aspectos negativos dos espaços livres públicos das cidades o que faz que seja um atrativo para grande parte da população. Esta problemática leva paulatinamente a perda de valor das funções sociais da praça.

Na opinião de Leitão (2002, p.19) os shoppings “proporcionam um determinado tipo de encontro e convivência, é um encontro entre pessoas de uma determinada camada social, incompatível, portanto, com a idéia de publicização que caracteriza o espaço público, isto é, aberto e acessível a todos”.

Na atualidade as tendências das políticas urbanísticas contemporâneas de muitas cidades latino-americanas apontam à recuperação e requalificação dos espaços livres urbanos, entre eles a praça. Segundo Robba e Macedo (2003), “a praça é com certeza, um dos espaços urbanos mais visíveis e com estreita vinculação à transformação das cidades, por isso, extremadamente sensível às transformações de caráter modernizante por parte do poder público”.

Para Robba e Macedo (2003)

A grande visibilidade do espaço livre público urbano e sua importância dentro da cidade transformam parques e praças em objetos de veiculação e propaganda política. O poder público, atualmente o principal agente produtor e gerenciador de espaços livres urbanos, pode ser, com essa política, o maior beneficiado. Uma política séria de criação e manutenção dos espaços públicos da cidade tem um efeito muito positivo na aprovação da administração pela opinião pública. (Robba e Macedo, 2003, p.46)

No mesmo texto, os mencionados autores reconhecem dois tipos de intervenções prioritárias em áreas urbanas, por parte do poder público:

- Reformas: comuns em áreas já consolidadas da cidade, as quais visam revitalizar e readequar áreas, de acordo às novas dinâmicas da cidade, na procura de uma nova apropriação.
- Novas praças: geralmente implantadas nas áreas da cidade menos consolidadas e nos bairros periféricos.

Sobre estas duas situações, Robba e Macedo (2003, p.48) afirmam que,

“na atualidade o maior investimento se faz para reformar praças em bairros nobres ou centrais. Algumas praças são reformadas por decisões políticas, que na grande maioria dos casos, trazem melhorias urgentes e necessárias para a cidade, mas também, são freqüentes os casos em que o espaço, mesmo que antigo, ainda funciona com pleno vigor e validade, não necessitando de reformas ou alterações, apenas de um programa de manutenção eficiente e constante”.

Finalmente os autores afirmam que os processos de reformas e revitalizações de espaços urbanos “são expressão ou tipologia de uma tendência vanguardista do urbanismo e paisagismo contemporâneo”

Segundo Sun (2008, p.19) a configuração e transformação da praça “afetam diretamente o convívio social e, portanto, o exercício da cidadania, assim como a construção da democracia”. O autor afirma que a tendência da homogeneização dos espaços livres prejudica a consolidação de uma identidade autêntica na paisagem urbana e especialmente a preservação do caráter público destes espaços.

Para Romero (2001, p.29) “a praça é, na atualidade, o único lugar propício à permanência e ao desenvolvimento de atividades sociais não consumistas”. Assim poder-se-ia afirmar que, independente da escala da cidade, a praça com suas funções sociais, estéticas e ambientais, é o espaço que propicia o encontro em todos os níveis sociais, favorecendo o fortalecimento da cidadania e a democracia, além de contribuir ao melhoramento das qualidades físicas e ambientais e a consolidação da imagem da cidade.

Cabe as mãos da administração pública a grande responsabilidade do desenvolvimento, gerenciamento e manutenção dos espaços livres públicos urbanos. Neste sentido é importante que estes órgãos públicos e os profissionais encarregados da definição conceitual dos projetos, entendam e assumam a importância do papel da praça na contribuição da construção de cidades socialmente mais humanas e espacial e ambientalmente mais adequadas.

2.4 A Praça na Cidade de Pequeno Porte

Todas as cidades, grandes ou pequenas, experimentam a necessidade de um centro claramente identificável, e ainda que tivesse criado novos espaços administrativos na periferia, os centros continuam sendo o lugar das práticas políticas, sociais, religiosas e culturais. Nas pequenas cidades todas estas práticas constitutivas da identidade da população são desenvolvidas em um único espaço, a praça.

Na cidade latino-americana, a praça tem sido caracterizada por ser o lugar de encontro e convívio urbano por natureza, que além de ter diversos usos, imprime o caráter de lugar de manifestação da vida pública.

Poder-se-ia afirmar que as praças das pequenas cidades² apresentam uma maior apropriação por parte da população, sobre tudo pelas funções que ela desempenha, já que a diferencia das grandes cidades, que tem muitas praças com diferentes usos e funções para cada um dos setores, nas cidades de pequeno porte geralmente se destaca uma praça principal, a qual é o “centro” urbano e o principal ponto de encontro e de referência de toda a população.

Segundo Stringheta, et al. (2007) na maioria destas pequenas cidades a igreja exerce grande importância, já que delimita o ponto central de desenvolvimento da cidade. “A população possui um sentimento de posse para com a Igreja e assume a tradição de freqüentá-la aos domingos, fazendo desta, uma atividade relacionada ao

² No presente trabalho de dissertação considera-se cidade de pequeno porte ou pequena cidade, aquela que tem uma população menor de 150 mil habitantes.

lazer, pela oportunidade de encontro dos habitantes de forma celebrativa”. Assim como a Igreja, é a praça para estas cidades.

Stringheta, et al. (2007), referenciando Guzzo (2002), diz que a praça é um dos poucos lugares onde as pessoas podem se encontrar para conversar e relaxar, levando em consideração que as relações pessoais em cidades de pequeno porte são muito intensas e valorizadas. O convívio no espaço das praças acontece para todas as camadas da população tornando-se o principal espaço público destas cidades.

A praça costuma ser o local mais freqüentado nas cidades de pequeno porte, se apresenta como um espaço de livre acesso, de caráter público com um amplo sentido sócio-cultural, arraigado aos hábitos, costumes e usos do povo.

Nestas cidades a praça faz parte do cotidiano, é o espaço mais representativo e mais importante para o encontro e a socialização dos cidadãos, não só de aqueles habitantes da zona urbana, mas também, para os habitantes das zonas rurais que freqüentam a cidade. Nos espaços livres da praça se realizam as atividades de lazer, contemplação, apresentações culturais e manifestações públicas. A praça carregada de atributos joga um papel importante na história e na essência destas cidades.

Para Saldarriaga (1996, p.2)

“El modelo urbanizador difundido desde las grandes ciudades, contagia a las ciudades menores y a los pueblos. En estos, donde la tradición ha perdurado, la irrupción de estos modelos no sólo produce periferias anómalas y descuidadas sino que contribuye al deterioro del espacio público patrimonial, heredado del pasado”.

Como falado anteriormente, uma das características do urbanismo contemporâneo é a tendência a readequar ou revitalizar os espaços públicos, entre eles a praça, visando novas formas, funções e a adaptabilidade às mudanças econômicas, sociais

e tecnológicas do meio urbano. Neste sentido é lançado outro questionamento: Como é que as cidades de pequeno porte estão enfrentando estas transformações?

Muitos dos problemas que, acerca da qualidade espacial e ambiental, se apresentam nas praças das grandes cidades são também percebidos nas praças das pequenas cidades. Se bem falamos anteriormente que nas grandes cidades se desenvolvem políticas urbanas que contemplam diretrizes para a atuação no espaço público, a carência destas é o grande problema que caracteriza as cidades de pequeno porte, onde o planejamento urbano esta constituído por políticas e normativas urbanas genéricas que não contemplam diretrizes claras para a atuação no espaço público.

Na maioria dos casos, as cidades de pequeno porte são inexperientes em processos de reformas e requalificação urbana, devido entre outros, à carência de técnicos na administração pública que possam desenvolver políticas e diretrizes urbanas apropriadas e que permitam que o desenho urbano dos espaços livres se adapte adequadamente às novas formas e funções socioculturais, assim como também, aos aspectos físicos e ambientais do contexto local.

Um destes casos de requalificação urbana dos espaços públicos -praças- é encontrado na cidade de Pitalito, na Colômbia, que, ao igual que outras cidades intermédias e de pequeno porte do país, tem-se interessado pela transformação urbanística que sobre o espaço público tem-se realizado em Bogotá, capital da Colômbia.

Bogotá foi a primeira cidade da Colômbia em trabalhar o tema sobre as questões ambientais e urbanas visando requalificar os espaços urbanos que tinham-se tornado caóticos devido à degradação urbana e ambiental típica das grandes cidades, as quais são causadas pela explosão demográfica e os inadequados processo de urbanização que visam suprir a ampla demanda de vivenda de interesse social.

Ante esta problemática são adotadas novas normas, políticas e diretrizes com o propósito de regulamentar a planificação urbana visando fortalecer a dimensão

ambiental na escala urbana da cidade e com isto objetivando requalificar os espaços urbanos degradados e potenciar as futuras intervenções, entre elas, as do espaço público.

Desta forma na cidade foram criadas muitas instituições públicas que tinham como objetivo o planejamento, administração, execução e supervisão dos projetos de espaço público, que colocando em prática as questões de governabilidade local para o desenvolvimento urbano, colocaram em prática políticas de proteção ambiental com o objetivo de mitigar, corrigir e compensar os impactos ambientais negativos e potencializar os impactos ambientais positivos gerados pelas obras no meio ambiente urbano, procurando a qualidade do espaço público.

Estas práticas levaram ao desenvolvimento projetos como praças, parques, ruas para pedestres, ciclovias, bibliotecas, entre outros, que pretendiam produzir bem-estar, melhorar a qualidade de vida urbana dos habitantes e re-inventar a imagem da cidade.

Todo este processo de transformação e requalificação urbana realizado em Bogotá foi reconhecido nacional e internacionalmente o que motivou com que intermédias e pequenas cidades do país se interessassem e retomassem como exemplo estes modelos visando também, a transformação e requalificação dos seus espaços urbanos; não em tanto, a adoção destes modelos não estão sustentados sob políticas e diretrizes de atuação urbanas e ambientais próprias o que faz que muitos destes projetos não atendam às necessidades e características urbanas, sociais, paisagísticas e ambientais próprias de cada região. (Fig. 9 a 12)



Figura 9 – Praça Cidade Victoria – Pereira - Colômbia.

Fonte: www.pereira.gov.co
Acesso: abril de 2009.



Figura 10 – Praça Bolívar – Armenia - Colômbia.

Fonte: www.armenia.gov.co
Acesso: abril de 2009.



Figura 11 – Eixo ambiental. Bogotá - Colômbia

Fonte: www.bogotaturismo.gov.co
Acesso: abril de 2009.



Figura 12– Parque de los deseos. Medellín – Colômbia.

Fonte: www.medellin.gov.co
Acesso: abril de 2009.

Como falado anteriormente, a cidade de Pitalito é um dos casos de cidades de pequeno porte que, motivada pelo êxito da transformação urbana da cidade de Bogotá, começaram a tarefa de requalificar os espaços urbanos existentes. Assim, foi como no ano 2006, se estabeleceu a idéia de reformar seu principal espaço

público, *A Praça José Hilario Lopez*, que, baseando-se na necessidade de dar solução a problemas estéticos e funcionais, propôs revitalizar a imagem do espaço e da cidade. É assim, como foi executado um projeto de requalificação urbana da praça dando como resultado um projeto que evidencia conceitos e características projetais do espaço público de Bogotá.

Ante este cenário o presente trabalho de dissertação propõe estudar o projeto de reforma da praça principal da cidade de Pitalito, na Colômbia, visando identificar como o projeto responde (ou não) às características e necessidades físicas e ambientais próprias do entorno. Este estudo será apresentado no seguinte capítulo.

3. ESTUDO DE CASO: A PRAÇA PRINCIPAL DE PITALITO HUILA – COLÔMBIA.

Neste capítulo é realizado um estudo da Praça Jose Hilário Lopez, o espaço público mais representativo da cidade de Pitalito. Primeiramente é feita uma descrição geral do município de Pitalito – Huila, na Colômbia, iniciando com uma breve resenha dos antecedentes históricos e dos processos de desenvolvimento urbano da cidade e a sua incidência sobre os espaços livres públicos. Seguidamente é realizada uma resenha histórica da antiga praça e são descritos os processos envolvidos no projeto de reforma da praça principal.

Posteriormente é realizado o estudo do novo projeto da praça considerando quatro aspectos básicos propostos e apresentados no capítulo 1: a) **os aspectos da vegetação**, baseando-se na proposta de Caldas (2006) sobre o uso e escolha deste elemento urbano; b) **as questões ambientais**, para o qual se aplica a ficha bioclimática proposta no trabalho de Romero (2001); c) **a acessibilidade** segundo os conceitos de Sun (2008); d) **o mobiliário urbano** segundo as definições e especificações de Meza e Montoya (2005) e Mascaró (2008). Finalmente são apresentadas as conclusões do estudo realizado, visando entender como responde o projeto de reforma da praça às características físico-ambientais do contexto local.

3.1 Caracterização do Município de Pitalito - Huila - Colômbia

A cidade de Pitalito foi fundada no ano 1818. Localiza-se, ao sul do estado do Huila, aos 1° 52” de latitude norte e aos 76° 02” de longitude oeste, apresentando uma altitude de 1.318 metros (Fig. 13 e 14). Pitalito se desenvolve sobre o vale dos *Laboyos*³, numa extensão de 591 quilômetros quadrados, e dista 188 quilômetros da cidade de *Neiva*, capital do estado. Apresenta uma temperatura de 22 graus, um clima tropical temperado úmido, uma umidade relativa do 76% e uma velocidade média do vento de 1,6 m/s.

Segundo o censo demográfico do ano 2005, o Município de Pitalito contava com 118 mil habitantes, dos quais 77 mil habitavam a área urbana e 33 mil a área rural. O

³ O espaço geográfico onde surgiu o assentamento de Pitalito e conhecido como “*vale de Laboyos*”, o nome foi dado graças aos índios *Laboyos* que habitaram esta região do sul do estado do Huila. Por esta mesma razão o gentílico dos habitantes de Pitalito é “*Laboyanos*”.

tamanho da cidade está acima da meia de população das cidades vizinhas, sendo Pitalito, depois da capital, a segunda cidade com maior população do estado.



Figura 13- Localização Estada do Huila.
Fonte: adaptado de www.cne.gov.co.
Acesso: maio de 2009.

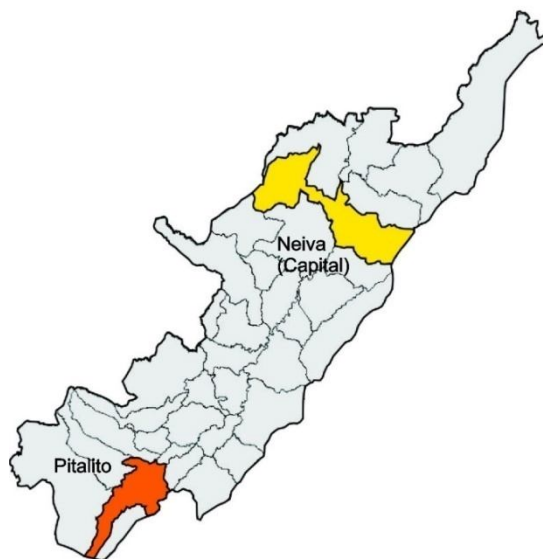


Figura 14- Localização do Município de Pitalito no Estado do Huila.
Fonte: adaptado de www.cne.gov.co.
Acesso: maio de 2009.

A formação do município iniciou-se a partir do povoado que surgiu às margens do rio *Guarapas* e o riacho de *Cálamo* no ano de 1818, quando alguns moradores da região resolveram construir suas casas na fazenda de *San Juan de Laboyos*, hoje conhecida como Pitalito, atraídos pela paisagem da região, a fertilidade do solo, a bondade do clima e a abundancia das águas.

A configuração do tecido urbano se deu a partir da implantação de uma pequena igreja de invocação de *San Antonio*. Na frente da igreja se demarcou a praça, a qual foi disposta a 45 graus com relação ao norte geográfico, visando gerar umas condições climáticas favoráveis. Este espaço originou o traçado da malha ou retícula que definem as ruas do novo povoado. Assim, como na maioria das cidades colombianas, o traçado foi baseado no princípio ordenador das cidades coloniais.

O povoado de características urbanas e rurais estava dividido por quarteirões ocupados geralmente por duas ou quatro famílias, e delimitados por cercas. Os pátios posteriores das vivendas eram utilizados para hortas e cria de animais, aproveitando suas generosas dimensões. O núcleo ficava assentado sobre uma rua principal, hoje conhecida como Carrera 4, sobre a qual se desenvolveria a maior parte das atividades comerciais e institucionais.

A economia da região era eminentemente agrícola, cultivava-se café, milho, feijão e outros produtos de primeira necessidade, mas, a cria de gado também ocupava um espaço importante na economia. Hoje produtos como o café (reconhecido e exportado internacionalmente) e o gado (comercializado em varias cidades colombianas), somadas ao comércio, serviços e algumas pequenas indústrias, se convertem na base econômica da região.

3.2 Evolução Urbana da Cidade e suas Problemáticas

Segundo o plano de ordenamento territorial (*POT*, 2000) da cidade de Pitalito, durante o primeiro século (desde a fundação até 1960) o crescimento morfológico da cidade foi lento e se desenvolveu no tradicional centro colonial, determinado pelo traçado reticular que corresponde aos bairros que hoje se conhecem como setor “centro” (Fig. 15 e 16).

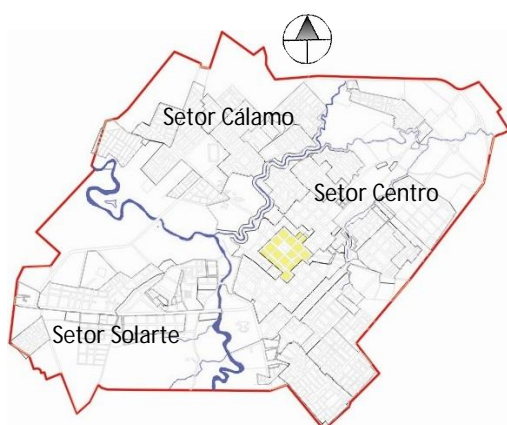


Figura 15 - Crescimento urbano de Pitalito até 1900. (13.9 hectares)
Esc. 1:175000
Fonte: POT de Pitalito, 2000.

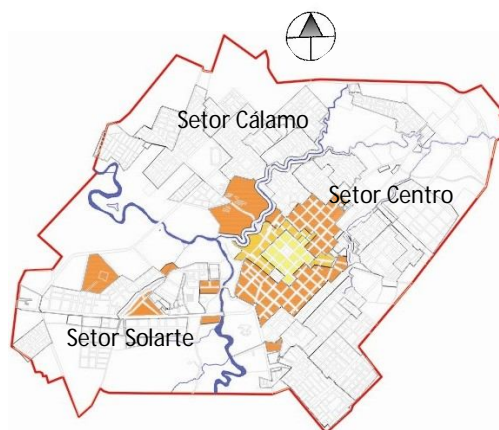


Figura 16 - Crescimento urbano de Pitalito até 1960. (85.24 hectares)
Esc. 1:175000
Fonte: POT de Pitalito, 2000.

A cidade teve a primeira expansão significativa na década dos 70, destacaram-se duas tendências: o aumento dos quarteirões na área do centro e a expansão com novos assentamentos. Finalizando este período aparecem dois grandes equipamentos: a escola *normal-nacional* e a cadeia. Estas foram as primeiras construções que ultrapassaram a fronteira natural do rio *Guarapas* e do riacho de *Cálamo*, propiciando a ocupação das áreas dos arredores por assentamentos humanos irregulares, principalmente no setor que atualmente se conhece como “Cálamo”.

Durante este período se incorporaram alguns edifícios públicos de muita importância como o hospital *San Antonio*, a central de sacrifícios, e o hotel *Timanco*, construções que favoreceram a consolidação do desenvolvimento urbano da periferia.

Na etapa compreendida entre 1980 e 1990, o crescimento urbano foi relativamente extenso em área. Incrementa-se a demanda de vivenda popular no setor de *Solarte* e, principalmente, no setor de *Cálamo*, estimulando assim, o acelerado crescimento urbano destes setores. Também se apresenta a expansão de novos desenvolvimentos urbanos nas periferias da cidade, entre os quais se destacam os bairros *Lara Bonilla*, *Antonio Nariño*, e *Simon Bolívar*.

Neste período se incorporaram dois grandes prédios para equipamento: A Villa olímpica, como espaço esportivo a nível urbano, localizado no setor de *Cálamo*; e o colégio departamental, implantado inicialmente no setor do “centro”, hoje localizado no setor de *Cálamo*.

As figuras 17 e 18 apresentam a expansão da área urbana a partir de 1980 até 2000.

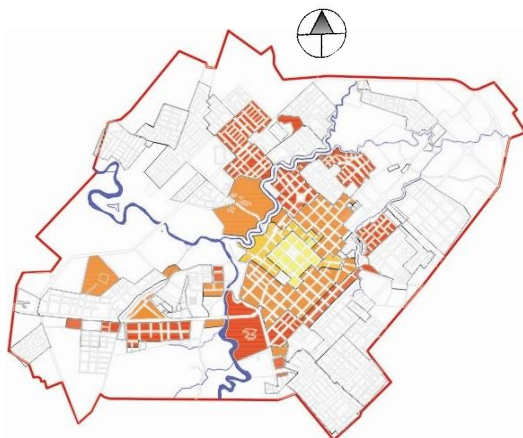


Figura 17 - Crescimento urbano de Pitalito até 1980. (93.81 hectares)

Esc. 1:175000

Fonte: POT de Pitalito, 2000.

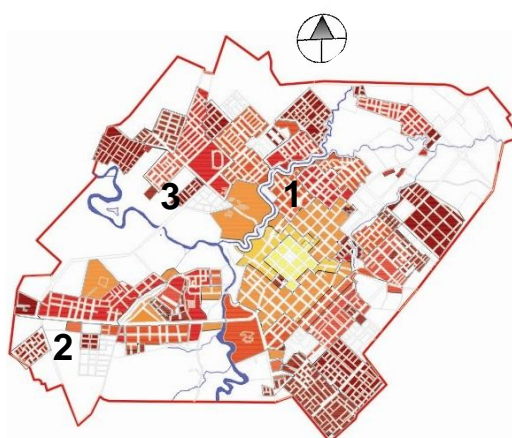


Figura 18 - Crescimento urbano de Pitalito até 2000. (142.77 hectares)

1. B/ Lara Bonilla 2. B/ Antonio

Nariño 3. B/ Simón Bolívar

Esc. 1:175000

Fonte: POT de Pitalito, 2000.

A partir de 1990 a cidade experimenta a segunda expansão significativa. Fortalece-se o crescimento acelerado do município, principalmente nas zonas periféricas da cidade e é iniciado um processo de ocupação dos vazios deixados pelos desenvolvimentos anteriores.

O crescimento populacional do município foi favorecido pelos processos migratórios do campo para a cidade, impulsionados por fatores externos à dinâmica da cidade, entre os quais se destacam a violência e insegurança no campo, consequência do conflito armado entre grupos guerrilheiros e as forças armadas do governo, e as melhores ofertas comerciais, laborais e educacionais que oferece a cidade, as quais atuam como atrativo de população.

Este crescimento populacional desborda as expectativas do plano de ordenamento territorial de 1983. Razão pela qual, as previsões normativas e de estrutura urbana foram insuficientes ante a pressão imobiliária. Esta situação somada ao deficiente controle urbanístico tem gerado uma nova cidade dispersa, desarticulada e pouco eficiente.

Pode-se observar adicionalmente, que o modelo de crescimento urbano se conforma por blocos de urbanizações, de tamanhos diversos e sem uma clara continuidade da malha de vias. Este crescimento debilitou a capacidade da infra-estrutura da cidade para subministrar uma adequada cobertura dos serviços básicos. Esta problemática, somada á pouca presença de espaços livres ao nível urbano destinados ao lazer e a utilização do tempo livre da população, é o resultado da carência de políticas claras de ocupação territorial e deficiências no controle urbano.

No quadro 4 se relaciona a incorporação dos equipamentos urbanos segundo as etapas de desenvolvimento da cidade.

Quadro 4 – Equipamentos urbanos

ETAPA DE CRESCIMENTO	EQUIPAMENTOS INCORPORADOS
1818 – 1912	
1912 – 1940	Hospital San Antonio
1940 – 1969	Escola Normal-Nacional e a cadeira
1969 – 1979	Aeroporto <i>Contador</i> , a Avenida <i>Misael Pastrana</i> , o colégio Nacional, o Hotel <i>Timanco</i> e a central de sacrifícios.
Entre 1989 – 1999	A rodoviária, a Universidade Surcolombiana, a praça de mercado e o coliseu coberto

Fonte: POT (2000)

Fisicamente, a zona urbana de Pitalito está dividida em três setores: Centro, Cálamo, e Solarte; isto por características naturais como são a presença do rio Guarapas e o riacho de Cálamo. Os equipamentos ou infra-estruturas que funcionam como complemento para o desenvolvimento de atividades sociais, políticas e culturais da cidade nestes setores são:

- **Setor do centro:** localiza-se a Praça principal da cidade, a prefeitura, a igreja de *San Antonio*, bancos, hotéis, restaurantes e lojas comerciais.

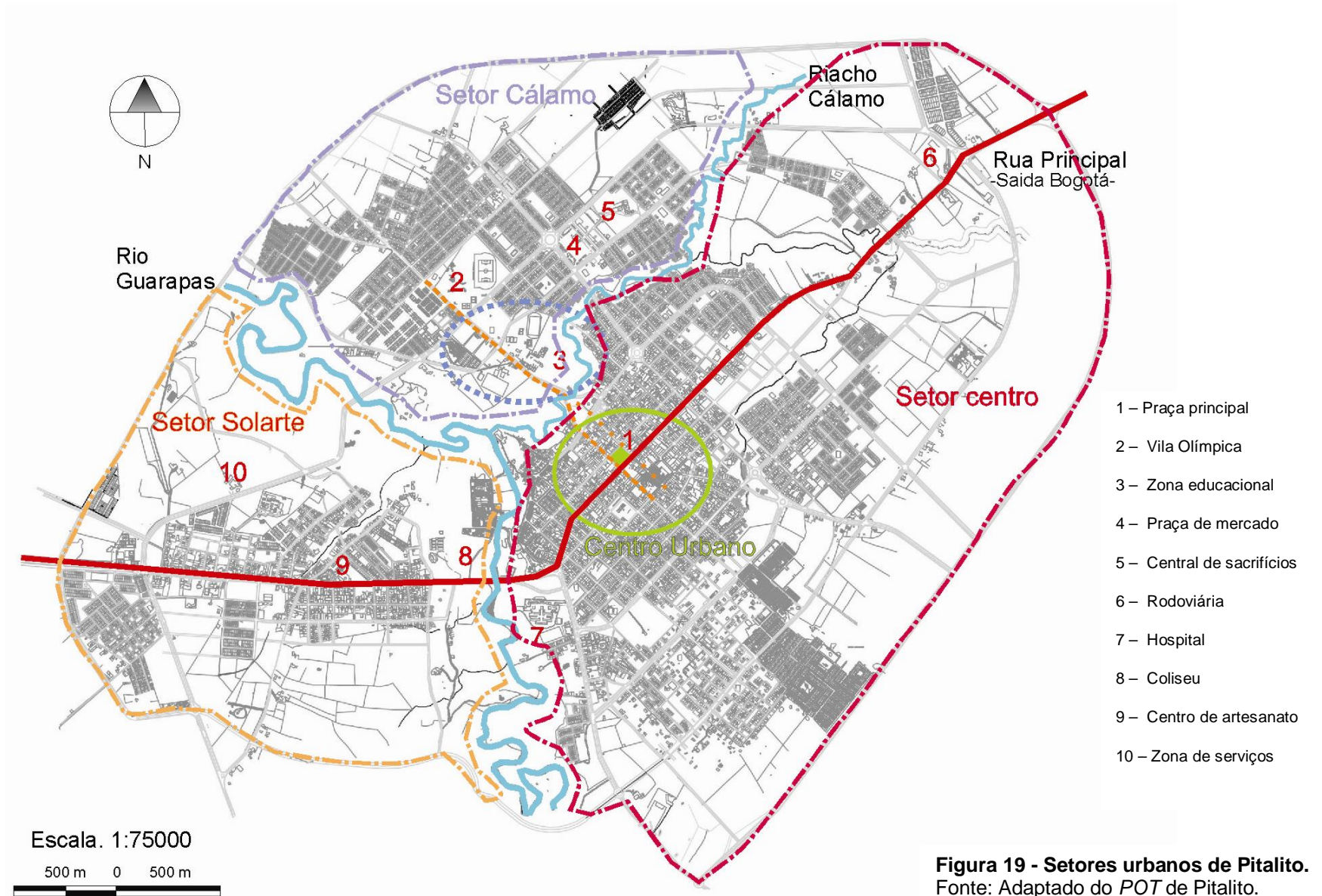
- **Setor de Cálamo:** na zona educativa se encontra a escola *Normal-Nacional*, o colégio *Nacional*, e o colégio *Departamental*. Localiza-se a *Vila Olímpica*, (atividades esportivas), a praça de mercado e a central de sacrifício de gado.
- **Setor de Solarte:** localiza-se o *centro de artesanato*, o coliseu de esportes, algumas instituições de serviços públicos e a zona de serviços complementares.

Pode-se concluir que a tendência atual do crescimento urbano da cidade apresenta duas características: a primeira, caracterizada pela ocupação e adensamento das áreas não consolidadas pelos processos de urbanização ocorridos depois da década dos 70; e a segunda, caracterizada pela expansão, consequência da aparição de novos projetos de vivenda externos ao perímetro ou limite de expansão urbana.

A tendência de adensamento é encontrada principalmente no setor de Solarte e do Centro. Este adensamento é baseado na inserção de novos projetos de urbanização caracterizados pelo desenvolvimento lento e pelas obras de urbanismo inconclusas. O traçado destas urbanizações obedece principalmente à forma do lote e não à estrutura urbana geral, dando como resultado, modelos de urbanização desarticulados da malha urbana e com deficiências de equipamentos e serviços públicos (Fig. 19).

A tendência de expansão é encontrada principalmente no final do setor de Solarte onde são desenvolvidos grandes projetos urbanísticos de serviços que atuam como pólos atrativos de desenvolvimentos de projetos para usos de vivenda.

Pitalito - Huila



3.3 O Espaço Público na Cidade

Como definido no capítulo 1, o espaço público é o principal espaço coletivo de encontro e convívio que possibilita o melhoramento da qualidade de vida na cidade, quando garantida sua quantidade e qualidade.

Segundo o *POT* (2000) os elementos estruturantes que compreendem o espaço público são fundamentalmente os elementos naturais, os espaços abertos e as vias.

Os corpos de águas como o rio Guarapas e o riacho de Cálamo são os principais elementos naturais estruturantes da área urbana, que têm configurado os três setores da cidade; o setor centro, o setor Cálamo e o setor Solarte. Os Planos de ordenamento urbano têm contemplado incorporar estes elementos como eixos verdes integradores e estruturantes da cidade, porém a realidade é que dada a escassez de projetos que lhes confirmam o caráter de nós urbanos, a baixa conectividade viária entre os setores e o fator cultural, estes elementos têm sido considerados como barreiras urbanas, com o conseqüente tratamento como espaços residuais e lugares propícios para as ocupações de vivenda ilegal.

Os espaços livres públicos da cidade de Pitalito, são em geral escassos e não configuram uma malha estruturante legível. Na escala urbana, no setor do centro, o único espaço livre que se destaca é a Praça *Jose Hilário Lopez*, o qual é o principal lugar de encontro e convívio que alberga múltiplos usos e funções.

No setor de Solarte o coliseu coberto e sua área anexa são os únicos lugares que constitui um espaço aberto importante, porém, a incompatibilidade de usos e a indefinição urbanística impedem que este seja consolidado como elemento estruturante.

No setor de Cálamo, a Villa Olímpica, configura uma importante área livre. Com uma área de 75 mil m², é o único espaço ao nível urbano para desenvolver atividades esportivas, tais como futebol, basquete e atletismo, porém, este espaço apresenta

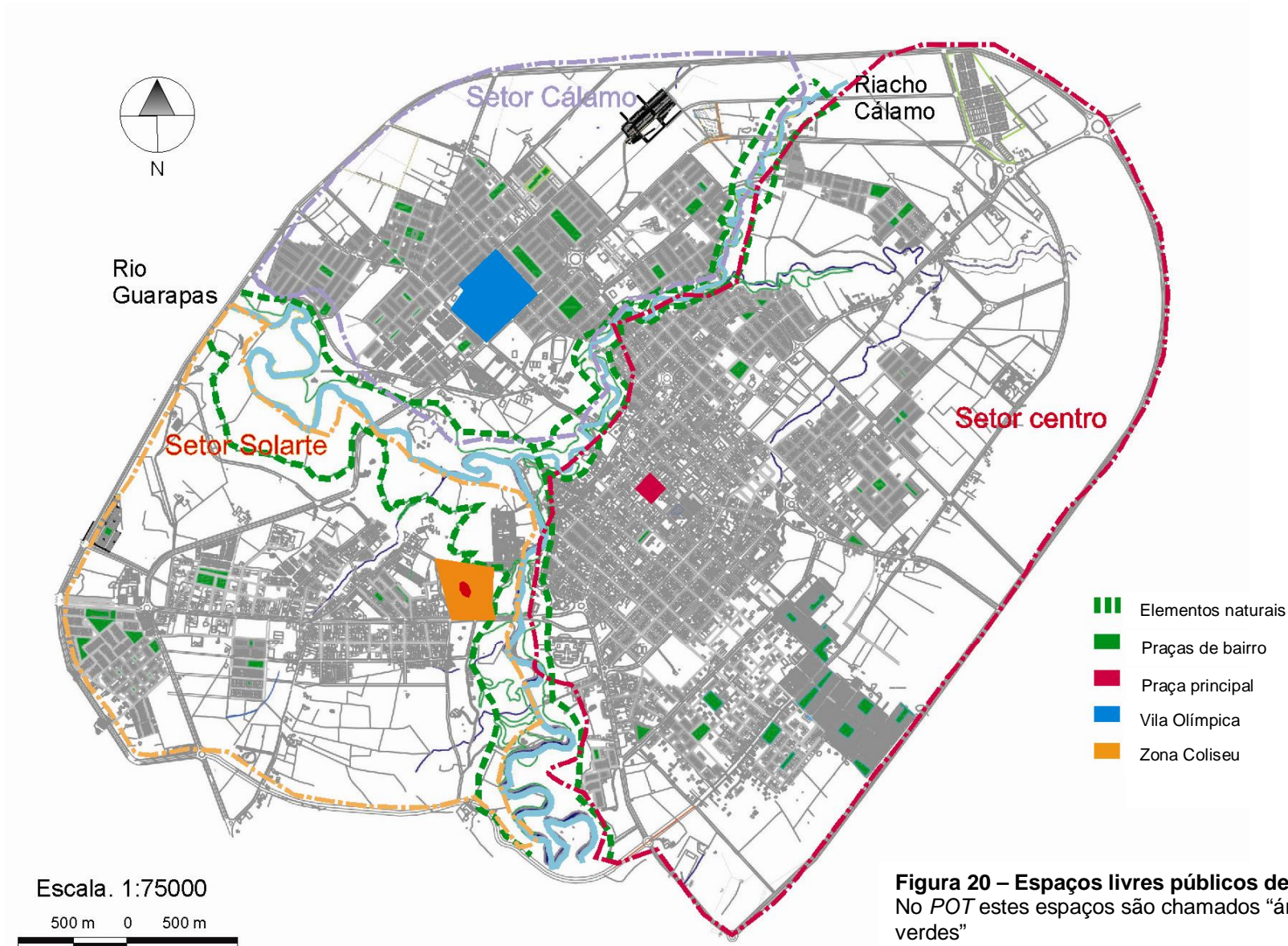
uma baixa qualidade física e ambiental, evidenciando-se a falta de manutenção por parte da administração municipal.

Nos bairros, se encontram pequenos parques e praças que não cumprem uma função estruturante como espaços livres devido a que se apresentam em mal estado, não estão dotados de mobiliário urbano de qualidade e, na maioria dos casos, não se tem finalizado as obras de construção.

Do anterior pode-se concluir que a cidade carece de espaços livres adequados que contribuíssem a estruturar o sistema de espaços livres urbanos. Na escala urbana, são insuficientes e carentes de um adequado desenho arquitetônico e urbanístico; na escala de setor são inexistentes e na escala de bairros são “muitos”, no entanto, na maioria dos casos as obras de construção estão inconclusas. Esta deficiência de espaços públicos favorece para a imagem de uma cidade densa, desordenada e pouco acolhedora.

Observa-se que a carência de espaços públicos na cidade tem propiciado que a praça principal de Pitalito se caracterize pelo intenso uso, ressaltando duas situações. A primeira, é que neste setor do Centro está concentrada a maior atividade comercial e institucional o que faz que esta área seja procurada tanto pela população urbana como rural; a segunda é que a praça é o único espaço livre do setor, tornando-se assim como o principal espaço de encontro e de socialização por excelência (fig. 20).

Pitalito – Huila: Espaços livres públicos



3.4 O centro da cidade

A malha urbana do centro da cidade de Pitalito apresenta o tradicional traçado da cidade colonial. O traçado das ruas não tem sido objeto de modificações, mais os quarteirões apresentam múltiplas subdivisões, abrigando hoje uma densidade ocupacional muito maior que em épocas anteriores. Conservam-se algumas construções do início do século, as quais tendem a desaparecer devido à intensa demanda ocupacional de espaço, dando lugar para o desenvolvimento de novas construções com maior densidade ocupacional e que permitem diversidade de usos.

O centro é a zona onde se desenvolvem a maior parte das atividades comerciais e administrativas da cidade. Nesta zona encontram-se dois dos edifícios mais representativos, assim como antigos: a igreja de *San Antonio* e a prefeitura; também se localizam bancos, hotéis, restaurantes, lojas comerciais, as estações de radio, a zona de bares e alguns colégios privados.

O espaço onde se desenvolve as atividades comerciais de maior movimento corresponde a 30 quarteirões. Dentro de este perímetro encontramos dois espaços livres, a Praça *Jose Hilário Lopez* e a Praça da *Valvanera*, as quais apresentam diversidade na forma de uso e apropriação.

A praça *Jose Hilário Lopez* nasceu com as primeiras ocupações e foi o centro gerador da malha urbana. Tem sido o espaço mais representativo ao nível urbano, assim como também, o espaço mais importante para o encontro, o convívio e o lazer. É o ponto de maior hierarquia e de maior reconhecimento na cidade por parte dos habitantes do município.

A Praça da *Valvanera*, localizada próxima da praça principal, e um pequeno espaço de 20 x 80 metros, o qual é de intenso uso nos finais de semana em horas da noite, devido a que ao redor desta localiza-se uma zona de bares. Durante o dia este espaço é pouco frequentado.

O centro diariamente tem um alto movimento por ser a zona onde transcorre a vida cotidiana de grande parte da população urbana. Em dias de alto movimento, como são os finais de semana, chega à cidade um grande número de habitantes das zonas rurais para realizar intercâmbios comerciais, assim, o centro se torna de difícil mobilidade. No entanto, a grande atividade que apresenta o centro, não se explica unicamente pelas atividades comerciais existentes, já que diversidade de população encontra nos limitados espaços livres do centro, o ambiente ideal para o encontro, o lazer e o divertimento.

3.5 A antiga Praça

Um ano depois da fundação de Pitalito (1819), se implantou no marco zero da cidade, a igreja que invoca a San Antonio. A partir desta se demarcou o espaço da praça e das ruas perimetrais do novo assentamento. O centro urbano revela com seu traçado reticular, a tradição das cidades da época colonial. No contorno da praça se localizaram as edificações das famílias mais representativas da comunidade, o comércio e o ajuntamento.

Desde seu início a praça albergou por muito tempo o mercado campesino, atividade que se realizava aos sábados e domingos, sobre um espaço onde circulavam as águas residuais, que, junto com o lixo do mercado, tornaram à praça num foco de contaminação. No entanto, a comunidade foi-se apropriando do espaço da praça e deram importância às atividades de limpeza e de ajardinamento. Nesta época a praça não tinha nenhuma intervenção arquitetônica (Fig. 21).

Para o ano de 1949 foi re-localizada a atividade comercial, desenvolvida até então na praça, dando início aos primeiros trabalhos de reconfiguração espacial, os quais tiveram como referência as praças coloniais construídas em outras cidades do país. Na praça se desenvolvia o encontro cotidiano, atividades religiosas, culturais e festas populares. A praça começa a formar parte do imaginário dos habitantes como o principal espaço simbólico da cidade (Fig. 22).



Figura 21 - A Praça, espaço de encontro e de atividades comerciais.

Fonte: www.pitalitohuila.com.

Acesso: maio de 2008



Figura 22 - A Praça, primeira intervenção arquitetônica.

Fonte: www.pitalitohuila.com.

Acesso: maio de 2008

A praça principal de Pitalito, conhecida com o nome de Praça *Jose Hilário Lopez*, localiza-se no centro urbano da cidade, entre as *calles* 5 e 6 e as *Carreras* 4 e 5. A praça, delimitada pelas construções do entorno, se desenvolve num quadrado de 80 x 80 metros; o desenho apresenta uma geometria rigorosa e funcional que obedece às características das praças ecléticas. Contemplava oito acessos, quatro axiais e quatro diagonais; sobre os eixos diagonais se desenvolvia o maior fluxo de pedestres. As áreas de circulação estavam delimitadas pelos bordes dos canteiros que, além de conter a vegetação, funcionavam como bancos lineais para o descanso dos usuários (Fig. 23 e 24).

A vegetação foi implantada de uma forma espontânea, apresentando diversidade de espécies, que, com suas diferentes formas, tamanhos e cores enriqueciam e ambientavam a paisagem urbana. A vegetação da praça gerava abundante sombra cobrindo grande parte do espaço, criando assim, um micro-clima que convidava à permanência dos diferentes usuários, principalmente idosos e aposentados, no espaço durante longos períodos de tempo, permitindo assim, a contemplação da

vegetação que tinha como plano de fundo as construções mais antigas e importantes da cidade.

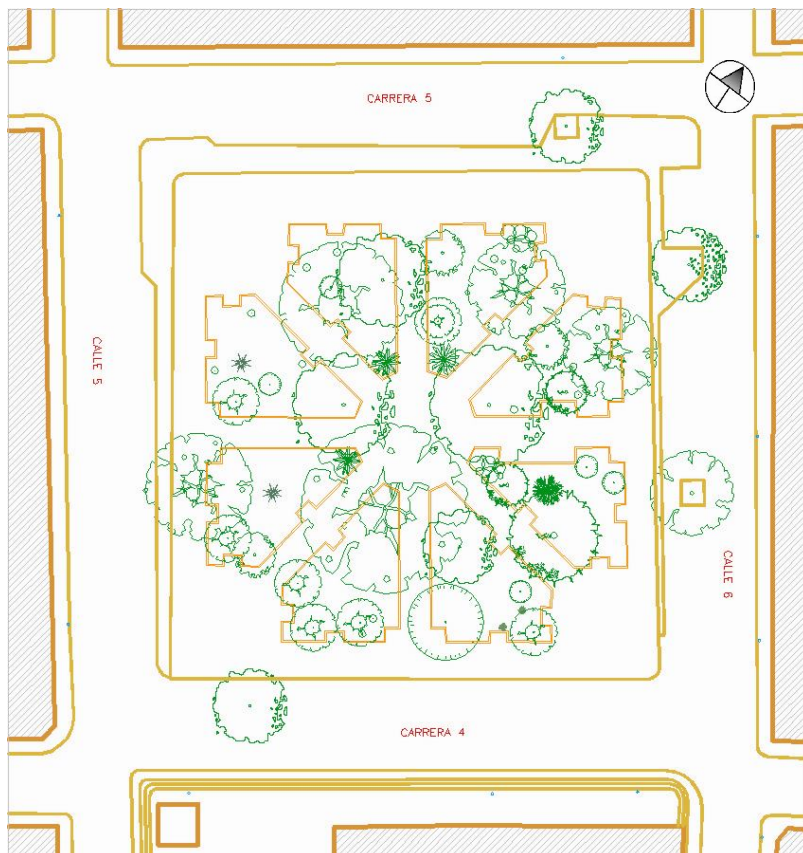


Figura 23 – Planta Antiga Praça de Pitalito

Esc. 1:2500

Fonte: POT Pitalito- Huila



Figura 24 – Antiga Praça de Pitalito (2006).

Pitalito é uma cidade com poucos espaços livres, razão pela qual a antiga praça converteu-se num lugar privilegiado e muito freqüentado, na qual se destacavam como os usos mais importantes, a permanência, a contemplação, o encontro e a circulação. Com o transcorrer do tempo este espaço foi apropriado pela população urbana e rural do Município, que reconhecia a praça como símbolo cultural, ponto de encontro e de referência urbana.

3.6 Processo de Reforma da Praça

Nos últimos anos, tem-se desenvolvido muitos projetos de espaço público nas pequenas cidades colombianas, influenciados principalmente pelos projetos de espaço público construídos em Bogotá, a capital do país.

Um exemplo deste processo de atuação urbanística ocorreu no ano 2006 no estado do Huila. O governo, motivado pela comemoração do centenário do estado, criou um programa, único ao nível nacional, que tinha como objetivo o melhoramento e embelezamento físico das principais praças dos 37 municípios do estado, entre eles Pitalito. Ditas obras tinham que ser realizadas num período não maior de três meses, tendo como data limite o aniversário do estado.

A prefeitura do Município de Pitalito apresenta uma contraproposta ao governo do estado, propondo reformar a antiga praça principal da cidade e construindo no seu lugar uma praça contemporânea. Proposta que foi aceita pelo governo do estado, já que parte do custo do projeto seria assumida pelo município de Pitalito. Desta forma e graças à gestão administrativa do município, a meados do ano 2006 começaram os trabalhos de transformação da praça principal de Pitalito, a qual viria a se tornar num dos projetos mais importantes da cidade e do estado.

A prefeitura contrata três arquitetos, os quais se encarregariam da concepção da proposta da reforma da praça principal da cidade. O grupo de profissionais estava conformado por dois arquitetos da cidade: Jorge Henoc Vargas e John Freddy Aguilar; e por um arquiteto de Bogotá: Cesar Augusto Cuevas.

No mês de março de 2006 a prefeitura e o grupo de arquitetos encarregados do projeto socializam publicamente a proposta de reforma da praça, a qual se sustentava na “urgente” necessidade de dar solução, principalmente, ao deterioro físico do espaço onde se ressaltava o deterioro dos pavimentos, causados pelas raízes de algumas árvores, os possíveis acidentes que poderia ocasionar a vegetação pelo seu estado de “deterioro e envelhecimento”, o deterioro do mobiliário urbano, entre outros.

A proposta também foi sustentada pelas tendências do urbanismo contemporâneo que objetivam dar prioridade a circulação, a mobilidade e a idéia de melhorar a qualidade ambiental e a imagem urbana da cidade, visando tornar-la atrativa tanto para seus habitantes quanto para os visitantes.

No debate da socialização pública da proposta, alguns profissionais da área, entre eles arquitetos e sociólogos da cidade, refutaram a proposta, argumentando que, ainda que o projeto fosse interessante, não estava sustentado, já que a antiga praça só precisava de um projeto de reabilitação e manutenção do espaço físico e da renovação de algumas das espécies vegetais, para dar solução aos problemas do deterioro físico. Também ressaltaram que, pela falta de projetos de espaço público, esta intenção poderia ser materializada em outra área, visando a consolidação de uma malha urbana de espaços públicos livres.

Tanto alguns profissionais da área quanto alguma parte da comunidade não concordou com o projeto de reforma total da praça, especialmente com a idéia de reduzir grande parte da vegetação que ambientava o espaço. Porém, a administração municipal apenas solicitou aos projetistas uma revisão da proposta enquanto ao tema da vegetação. Finalmente o projeto começou a ser executado um mês depois da socialização pública da proposta.

3.7 Descrição do projeto de reforma da Praça

O projeto de reforma da praça considerou um programa de usos e atividades que deram prioridade à circulação sobre a vocação de permanência que tinha até então a antiga praça. Desta forma, foram diminuídos os espaços destinados à permanência dos usuários no local. Dita diminuição de espaços teve como consequência que os usuários, principalmente idosos e aposentados não encontrem um espaço propício e confortável para se encontrar e socializar.

O Projeto preservou apenas algumas das árvores mais significativas do espaço, reduzindo assim, as zonas gramadas e sombreadas pela vegetação. Se bem, ao longo dos anos a antiga praça mudou varias vezes de nome e teve algumas alterações depois da sua construção em 1960, a proposta original sempre foi conservada (Fig. 25)

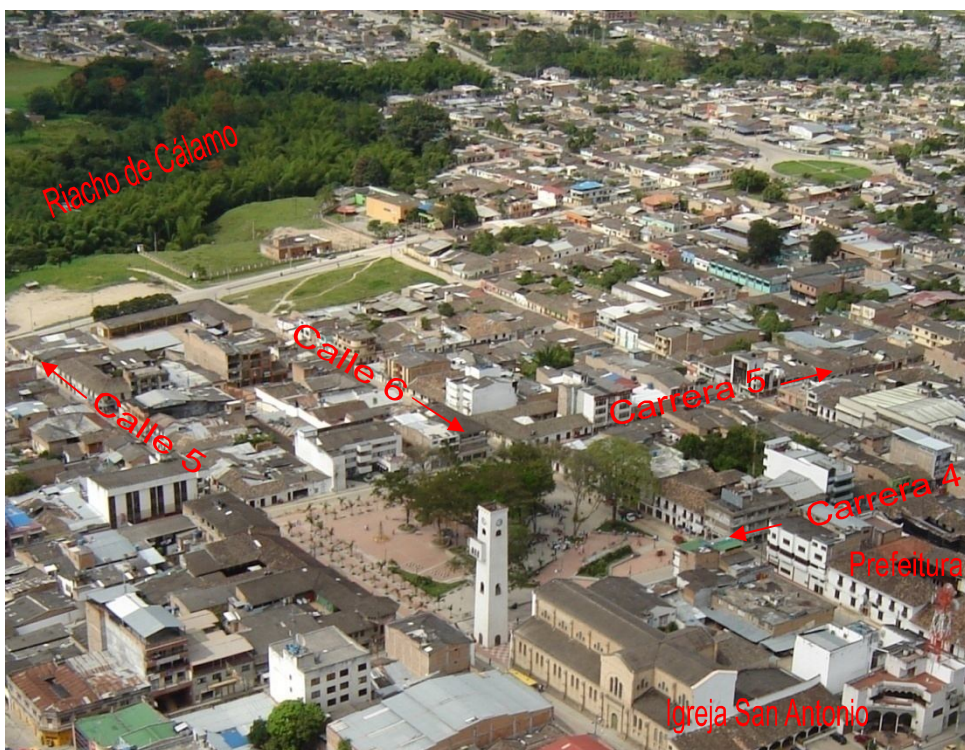


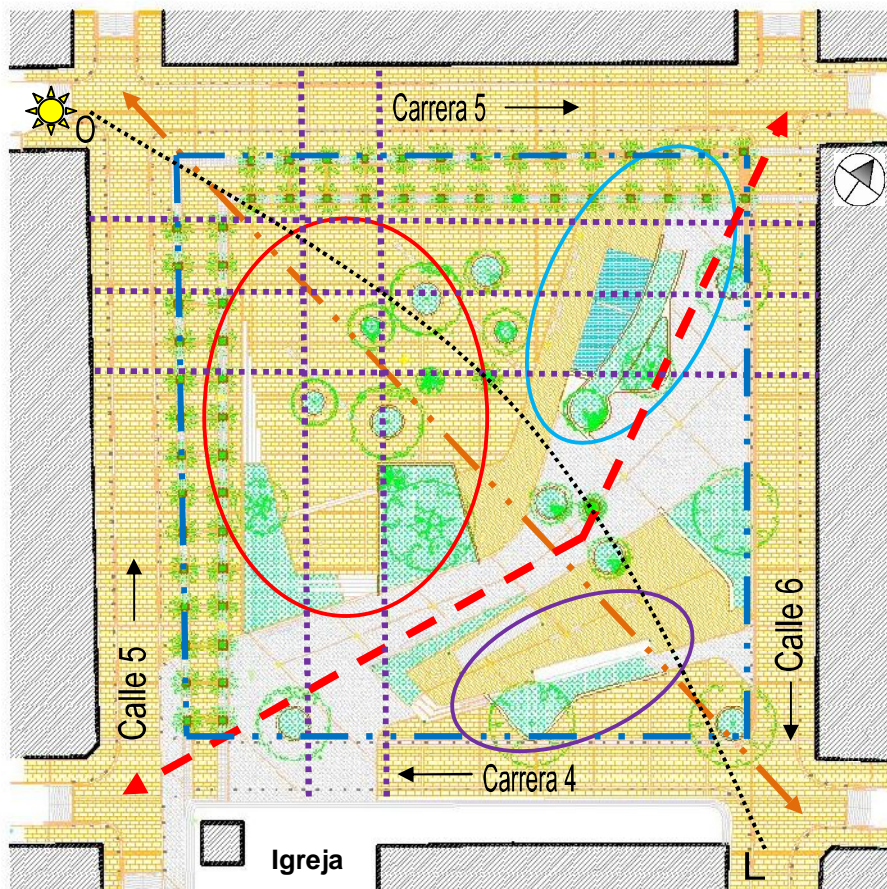
Figura 25 – Foto aérea da Nova Praça (2008).
Fonte: Jorge Henoc Vargas

O novo projeto apresenta uma intensa elaboração gráfica que expressa as características da linha projetual contemporânea, introduzindo uma nova linguagem, cores e materiais, que se contrapõem á tradição e ao traçado eclético de geometria rígida da praça anterior. O formalismo geométrico do desenho dos pavimentos está baseado em eixos e retículas para estruturar e organizar o espaço global, assim como também para definir a colocação do mobiliário e da vegetação.

O projeto está definido a partir de um eixo principal concebido para a circulação de pedestres, o qual está desenvolvido sobre uma diagonal (Norte – Sul) muito marcada que recolheria a maior circulação de estudantes que chegam ao centro da cidade desde o setor de *Cálamo*. Este eixo faz conexão entre a esquina da *Calle 6* e a *Carrera 5*, com o átrio da igreja de São Antonio, ressaltando assim, a importância desta igreja na cultura religiosa da comunidade (Fig. 26).

Nas visitas à praça percebeu-se que o maior fluxo de pedestres se dá sobre uma linha (virtual) perpendicular ao eixo principal concebido para tal fim. Esta linha não é de fácil leitura dentro das linhas de composição do desenho da praça. Esta linha “virtual” conecta duas ruas de grande circulação de pedestres e de intensa atividade comercial: a *Carrera 4* e a *Calle 5*; a esquina que conformam estas vias é a zona mais próxima ao edifício da prefeitura.

No intuito de imprimir a ilusão de amplitude do espaço físico que apresentava a antiga praça, o grupo de arquitetos encarregados do projeto, estenderam o tratamento do piso até as fachadas das construções perimetrais, incluindo o tratamento das vias; mais é apenas um efeito visual, já que o espaço físico está bem definido, tanto pelos diferentes níveis do piso como pela implantação da nova vegetação e as ruas de trânsito veicular.



EIXOS	ZONAS
— Perímetro da praça	Muro jardim: espaço dos engraxastes no interior da praça. Ao exterior configura um espaço de permanência.
— Reticula base	Espaço para apresentações ao ar livre e permanência.
— Eixo principal do projeto	Fonte: contemplação e permanência.
— Circulação principal	

Figura 26 – Planta da nova Praça: eixos e zonas. Esc. 1:3000
 Além das áreas de circulação, Identificam-se três zonas, cada uma com atividade diferenciada.
 Fonte: desenho sobre plano subministrado pela prefeitura de Pitalito.

Diferencia-se o espaço de circulação veicular do espaço físico da praça, por meio de barreiras –septos- os quais são usados para proteger os usuários do fluxo de automóveis. Estes elementos obrigam que os veículos circulem e não se possam estacionar ao redor da praça. Porém, o projeto contempla uma área de

estacionamento sobre a *Calle 5* onde os taxis de serviço público podem-se estacionar por curtos períodos.

Para um melhor entendimento da reforma da praça e de sua relação com as características físicas e ambientais do entorno, se retomam quatro aspectos básicos de estudo propostos e apresentados no capítulo 1: a) a vegetação; b) os aspectos climáticos e ambientais c) a acessibilidade; d) o mobiliário urbano.

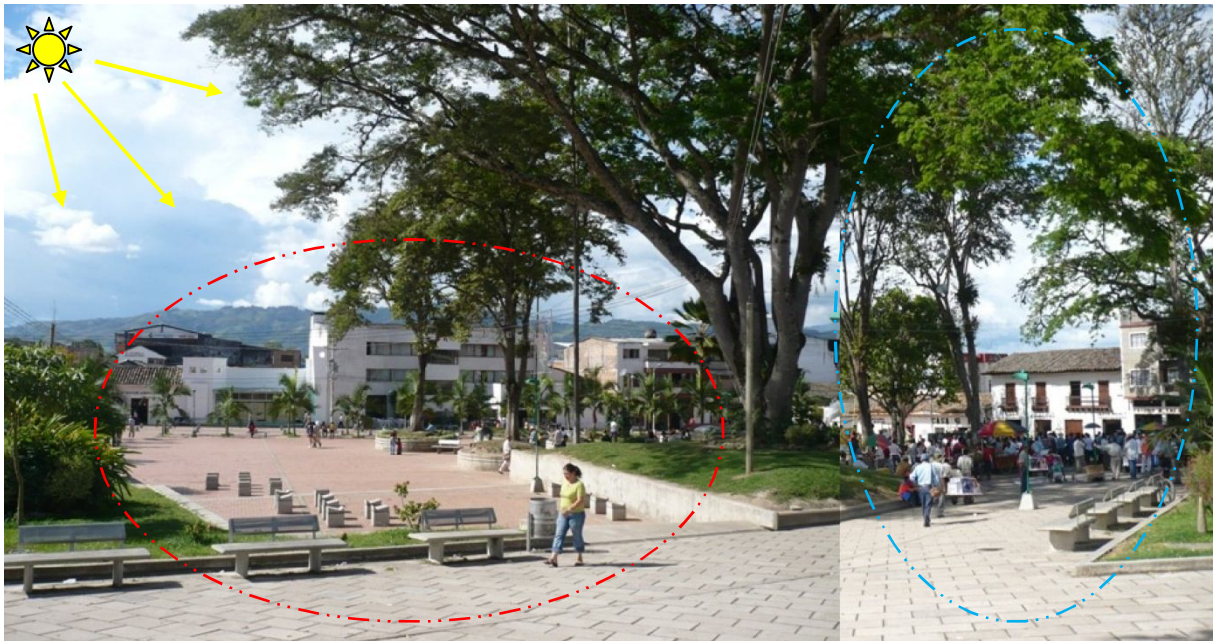
a) A Vegetação:


A nova Praça Jose Hilário Lopez tem uma área de 6.508 m², dos quais o 11% da área é ocupada por canteiros com jardim e vegetação. Se comparada com a praça anterior, da qual o 40% da área era ocupada pelos canteiros, ouve uma redução aproximada de 1.108 m² de área verde.

O novo projeto hierarquizou a circulação de pedestres como a função principal da praça, o que implicou a redução considerável das árvores⁴ dando como resultado a perda do volumem espacial que ocupava a vegetação, com isto, ouve uma redução considerável de espaços sombreados no espaço, menos áreas para a permanência e perdeu-se o micro-clima que caracterizava a antiga praça.

Na nova praça, os espaços onde há presença de vegetação são os mais usados durante o dia, pelos usuários que procuram se proteger do intenso sol. Isto faz que estas pequenas áreas sejam as mais propicias para o descanso e o encontro, porém ditos espaços coincidem com os eixos principais de circulação, o que em ocasiões impede o fluxo normal de pedestres (Fig. 27).

⁴ O novo projeto da praça conservou o 39% da vegetação da praça anterior, assim, esta deixa de ser o elemento predominante do espaço.



 A Zona concebida para a permanência e exposições ao ar livre.


 Eixo principal do desenho. Concebido como espaço para circular.

Figura 27 – A vegetação: Luz e sombra na praça.

No projeto destaca-se a utilização de palmeiras para conformar duas linhas ou eixos, sobre a *Calle 5* e a *Carrera 5*, que destacam a torre da igreja e reforçam o marco da praça. As linhas de palmeiras, que conformam uma “L”, geram uma clara leitura e impressão de massa ao primeiro contato visual. Estas se encontram semeadas sobre o lado da praça que recebe a maior incidência solar nas horas da tarde, o que ocasiona que o ofuscamento sobre esta área seja muito alto, devido a que o porte desta vegetação não produz sombra que proteja e gere conforto ao usuário (Fig. 28 e 29).



Figura 28 – Eixo de palmas sobre a Carrera 5 e a Calle 5.
Fonte: prefeitura Pitalito-Huila



Figura 29– Eixo de palmeiras sobre a Calle 5.

A praça contempla um espaço desenhado para desenvolver atividades culturais ou exposições ao ar livre, sobre a *Calle 5*. Este espaço não se apresenta sombreado pela carência de vegetação, ficando assim, totalmente exposto à incidência radiação solar, o que faz que durante o dia não possa realizar-se nenhuma atividade sob condições confortáveis. (Fig. 30).



Figura 30 – Espaço para permanência e para exposições ao ar livre.

O matiz da vegetação identificada na praça e predominantemente verde com uma leve acentuação em amarelo e rosa dada por duas *Tabebuias* SSP. No quadro 5 se apresenta as características principais da vegetação identificada na praça.

Quadro 5 – Identificação da vegetação existente na praça principal de Pitalito

Nome científico	Longevidade	Raiz profunda	Altura	Rádio de copa	Folhagem
<i>Bauhinia variegata</i> Cesalpínáceas	Meia	Profunda	Meia 6 a 7 m	6 m	Espessa e caduca
<i>Cassia siamea</i> Cesalpínáceas	Meia	Profunda	Meia 6 a 10 m	6 a 10 m aos 6 anos	Maior-denso e permanente
<i>Enterolobium cyclocarpum</i> mimosáceas	Meia	Meia	Alta 30 m	12 m	Meia e permanente
<i>Jacaranda caucana</i> Bignónáceas	Meia	Meia	Meia a alta	6 m	Como renda E caduca
<i>Samanea saman</i> Mimosáceas	Meia	Profunda	Alta 18 a 24 m	8 a 20 m e mais	Meia, cambio sucessivo
<i>Syagrus sancona</i>	Longa a meia	Típica da família	25 a 30 m	4 a 5 m	Ralo e permanente
<i>Tabebuia</i> SSP Bignónáceas	Longa a meia	Profunda	Alta a meia 12 a 20 m	10 m ou mais	Espessa e caduca ao florescimento
<i>Terminalia catappa</i> Combretáceas	Media	Meia	Meia a baixa 6 m	6 m	Espessa e caduca
<i>Veitchia merrillii</i>	Meia	Meia	Meia a baixa 4 a 6 m	2 a 3 m	Rala e permanente

Fonte: Caldas (2006). O quadro foi elaborado segundo a classificação da vegetação proposta pela autora.

Se esclarece que a nova vegetação da praça, está conformada por palmeiras, duas árvores de grande porte, plantadas sobre a Carrera 4, o gramado e a vegetação de jardim, as quais complementam a vegetação que foi conservada da praça anterior.

No processo de execução da reforma da praça foram realizados alguns trabalhos de manutenção da vegetação existente e foi plantada a vegetação de jardim em alguns canteiros.

A proposta de novas espécies vegetativas, como as palmeiras, típica da ambientação na maioria dos espaços públicos das cidades Colombianas, não se adéqua às necessidades ambientais do local no qual se precisa de grande quantidade de sombra para garantir a permanência no espaço. A escolha desta espécie correspondeu à idéia de gerar um marco vegetal que, além de delimitar o espaço fisicamente, ressalta-se a torre da igreja. Outras espécies propostas,

principalmente as de jardinagem correspondem à idéia de embelezamento do espaço.

Os critérios da organização espacial da praça não correspondem com o uso e escolha da vegetação, já que os espaços destinados para a circulação apresentam espécies vegetativas fornecedoras de grande quantidade de sombra e os espaços destinados à permanência do usuário carecem deste elemento que propiciaria o conforto.

b) Aspectos Ambientais:

Embora dentre os objetivos deste trabalho não se pretenda fazer uma avaliação ambiental da reforma da Praça de Pitalito, se considerou aplicar a Ficha Bioclimática no intuito de identificar como o projeto da praça está respondendo as questões físicas e ambientais do entorno. Dita ficha foi preenchida em visitas diurnas e noturnas realizadas à praça principal de Pitalito entre os dias 6 e 9 de fevereiro do ano 2009.

Como explicado no capítulo 1, a aplicação da “Ficha Bioclimática” proposta por Romero (2001), abrange duas categorias temáticas: o ambiente e o espaço. O espaço é conformado pelas características do entorno, da base e da fronteira.

A superfície “fronteira” da praça está bem definida nos seus quatro lados. Os edifícios que conformam a “fronteira” não são os elementos protagonistas do espaço como acontece em outras praças principais de pequenas cidades colombianas. A única construção arquitetônica que se ressalta é a igreja de *San Antonio*, importante pela simbologia religiosa e pela escala da sua arquitetura.

A “fronteira” apresenta tipologia arquitetônica com altura variada entre 2 e 4 andares, permitindo que a praça este totalmente exposta à luz do sol e que a penetração dos ventos seja moderada. A publicidade das edificações é um elemento uniforme e pouco agressivo devido a que o projeto da praça contemplou uma normatividade para a padronização deste elemento, assim como também, para a homogeneização

da cor branca das fachadas dos edifícios envolventes que funcionam como pano de fundo da praça.

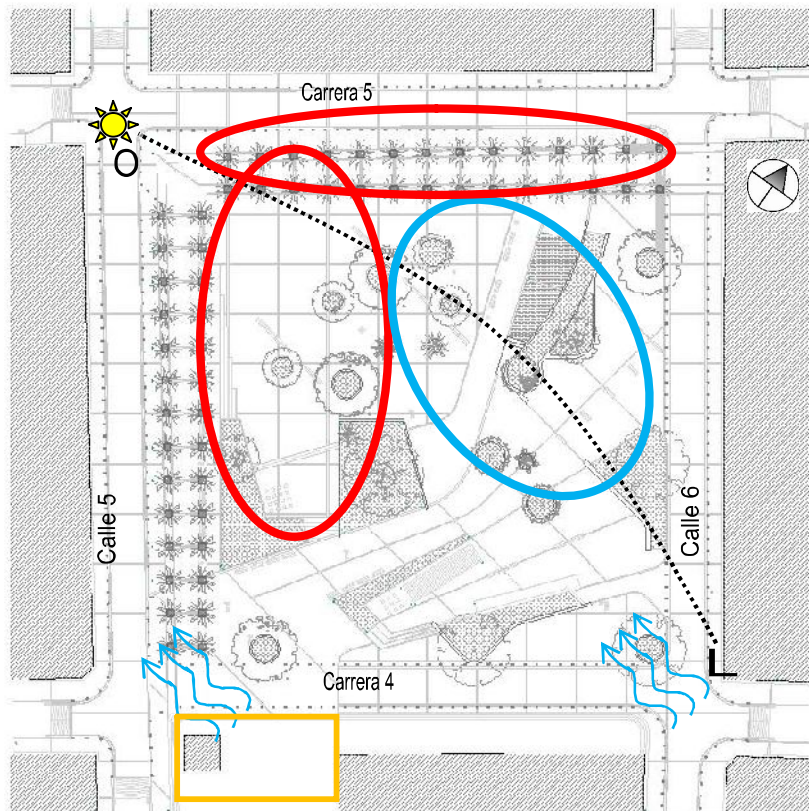
A função principal da praça é a circulação de pedestres, porém, alguns espaços ambientados com canteiros e vegetação propiciam a permanência e a contemplação.

A pouca utilização de vegetação fornecedora de sombra nos espaços de permanência permite a incidência excessiva de radiação solar no espaço, aquecendo a superfície da praça, causando um alto grau de ofuscamento e uma sensação de desconforto térmico devido à temperatura e a umidade relativa que caracteriza o entorno. Assim, a praça apresenta espaços de permanência pouco sombreados, carentes de elementos naturais e arquitetônicos que brindem proteção contra a incidência do sol e das chuvas.

Os materiais da base da praça, como peças de concreto pré-fabricado e tijolo, principalmente, são de pouca inércia térmica o que contribui para a pouca acumulação de calor. Os tons dos materiais (cinzas e rosas escuros) contribuem para uma baixa reflexão da radiação solar incidente. A água está também presente na base por meio de uma fonte fabricada em concreto, localizada no espaço próximo a *Calle 6* sobre o principal eixo de desenho do projeto, a qual cria um pequeno espelho de água que contribuí ao melhoramento ambiental da qualidade do espaço devido ao som e à sensação de conforto térmico que lhe imprime o movimento da água. A fonte constitui um elemento de hierarquia no espaço muito frequentado pelos usuários da praça, especialmente pelas crianças que desfrutam do jogo no espaço.

Na figura 31 são representados os elementos ambientais incidentes no espaço e são demarcadas as áreas que apresentam sensações de conforto e desconforto térmico. Observa-se que as áreas mais desconfortáveis coincidem com os espaços concebidos para a permanência e que as áreas mais confortáveis coincidem com os espaços concebidos para a circulação dos pedestres. Observa-se também que a forma fechada do espaço, contribui para a diminuição da velocidade dos ventos, os quais são canalizados pelas ruas.

Na figura 32 encontramos a “Ficha Bioclimática”, na qual são registradas as inter-relações entre o ambiente e o espaço que se constata no entorno, na base e na superfície fronteira.



- Igreja: edifício mais representativo da Fronteira
- Área de sombra
- Área de maior incidência solar
- Direção predominante dos ventos durante o ano (L-O)
- ⋯ Trajetória solar

Figura 31 – Características ambientais da praça. Esc. 1:5000

Fonte: desenho sobre plano subministrado pela prefeitura de Pitalito.

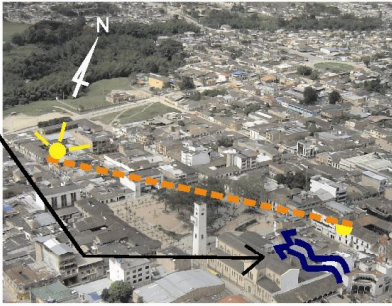
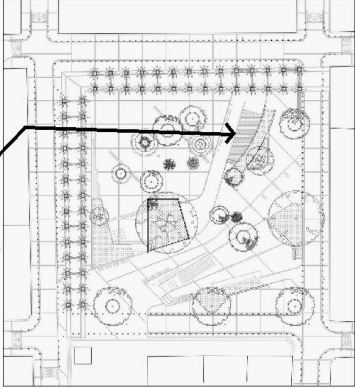

ESPACIAIS		PRAÇA PITALITO		AMBIENTAIS		
ENTORNO	ACESSOS	SOL: Totalmente exposta, os edifícios perimetrais não projetam sombra		SENSAÇÃO DE COR: o branco das fachadas e o verde da vegetação. agradável para permanência.		COR
		VENTO: Suave canalização dos ventos. Aberturas nas esquinas da quadra.		RESSONÂNCIA DO RECINTO: conserva pouco os sons próprios SOMBRA ACÚSTICA: escassa		SOM
		SOM: Exposta a ruído moderado, pelo tráfego de veículos e de pedestres.		DIRETA: dominante DIFUSA: acompanha a da cidade REFLETIDA: baixa		RADIAÇÃO
	CONTINUIDADE DA MASSA: Massa contínua, edificações de 2 a 4 pisos.	UMIDADE RELATIVA: 76% TEMPERATURA DO AR: acompanha o entorno VELOCIDADE DO VENTO: 1.6 m/s		CLIMA		
		CONDUÇÃO DOS VENTOS: canalizados pelas <i>calles</i> 5 e 6 e pelas <i>carreras</i> 4 e 5				
A BASE	COMPONENTES E PROPRIEDADES FÍSICAS DOS MATERIAIS	ÁREA DA BASE: 6508 m ²		TEMPERATURAS SUPERFICIAIS: alta		SOM
		PAVIMENTOS: piso em <i>adoquin</i> de tijolo e concreto		ALBEDO: baixo, predominam as cores escuras		
		VEGETAÇÃO: Pequenas áreas de canteiros com grama e árvores de porte meia e grande. Palmas alinhadas sobre a <i>calle</i> 5 e <i>carrera</i> 6		AMBIENTE SONORO: ruído moderado		COR
		ÁGUA: Uma fonte em concreto, a água brota em forma de lâminas		CONJUNTO DE CORES: verde, branco, rosa escuro e cinza TONALIDADE: rosa escuro		
		MOBILIÁRIO URBANO: banco, jardineiras, lixeiras, muro para os engraxates, postes		MANCHAS DE LUZ: criada pela vegetação isolada ESTÉTICA DA LUZ: destaque da vegetação		LUZ
A FRONTEIRA		CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE: fronteira da praça bem delimitada		LUMINÂNCIA: baixa		CLIMA
		TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA: edifícios comerciais e de serviços, de 2 a 4 pisos.		INCIDÊNCIA DA LUZ: sobre as fachadas e sobre o piso DIREÇÃO DO FLUXO:		
		ABERTURAS: janelas e varandas		ABSORÇÃO: alta, por causa dos materiais RELEXÃO: baixa		COR
		TENSÃO: estática. As fachadas não apresentam movimento.		MATIZES: branco, verde e rosa escuro CLARIDADE: predominância do claro		
		DETALHES ARQUITETÔNICOS: a igreja de San Antonio e dos construções antigas de estilo colonial e republicano		PERSONALIDADE ACÚSTICA: espaço dinâmico, ambiente agradável		SOM
	NÚMEROS DE LADOS: 4 lados bem delimitados		QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS: duros			
		ALTURA: de 6 a 14 metros				
		ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE				

Figura 32 – Ficha bioclimática da praça principal de Pitalito.

c) Acessibilidade

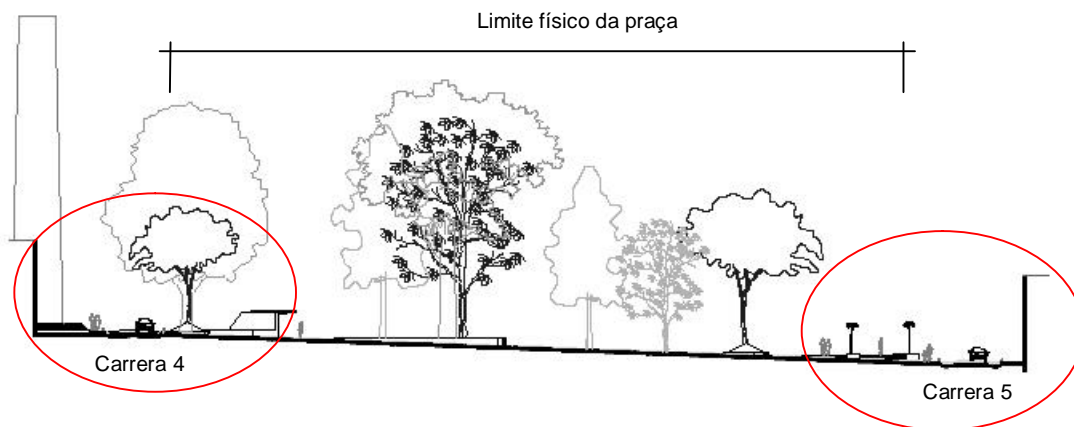
Como definido no capítulo 1 (p.32), o acesso é fundamental para a apropriação e uso de um espaço. Neste sentido se faz uma descrição da acessibilidade da praça considerando três tipos de acesso: o acesso físico, o acesso visual ou visibilidade e o acesso simbólico ou social; como definidos por Sun (2008).

Em quanto ao **acesso físico**, a nova praça não apresenta nenhum tipo de barreira espacial ou arquitetônica que possa impedir ao usuário a entrada e saída do espaço. As vias de acesso são largas e contínuas e permitem a legibilidade e permeabilidade no espaço.

Aproveitando o moderado declive do terreno, o projeto foi desenvolvido sobre uma superfície contínua, criando alguns desníveis que organizam e conformam pequenas áreas de permanência. Sobre a *Carrera 4* (a rua principal) a praça está a nível da via, e sobre a *Carrera 5* termina com um desnível de 0,70 metros, fazendo necessário a utilização de escadas.

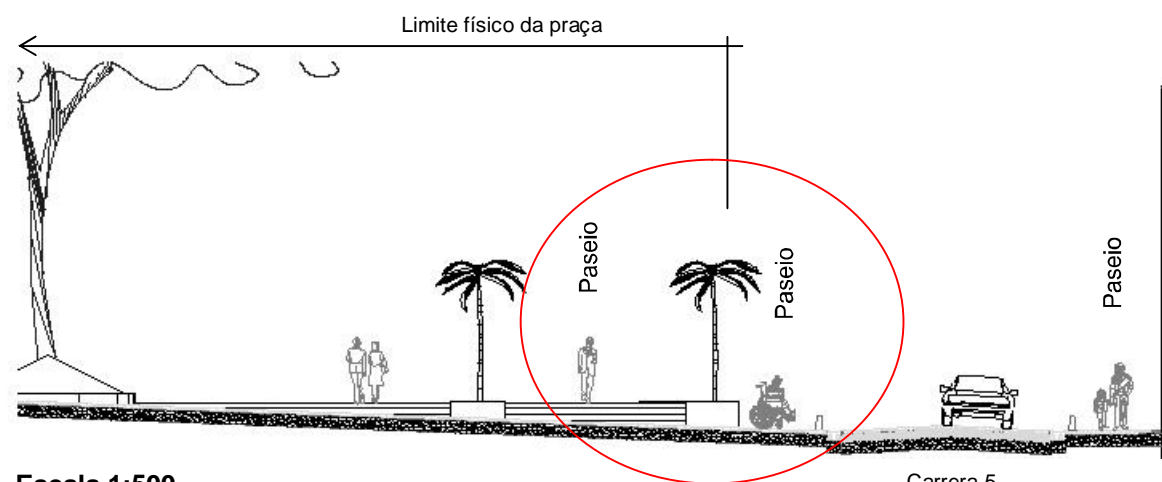
A não contemplação de rampas para superar os desníveis (escadas), limita o acesso para as pessoas com mobilidade física reduzida, os quais se vêm obrigados a entrar e sair da praça unicamente pela *Carrera 4* e alguns pontos sobre a *Calle 5* (Fig. 33 a 36).

A praça principal de Pitalito, apesar de ter sido re-configurada no ano 2006, não atendeu às especificidades estabelecidas pela normatividade colombiana (decreto 1538 de 2005 que regulamenta a acessibilidade ao espaço público), nem às normas técnicas colombianas de acessibilidade das pessoas ao meio físico (estabelecidas pelo instituto colombiano de normas técnicas ICONTEC).



Escala 1:2000

Figura 33 – Corte 1. Desnível da Praça.



Escala 1:500

Figura 34 – Corte 2. A acessibilidade para pessoas com reduzida mobilidade física é limitada pela falta de rampas. O acesso ao espaço é unicamente pela *Carrera 4* e alguns pontos na *Calle 5*.



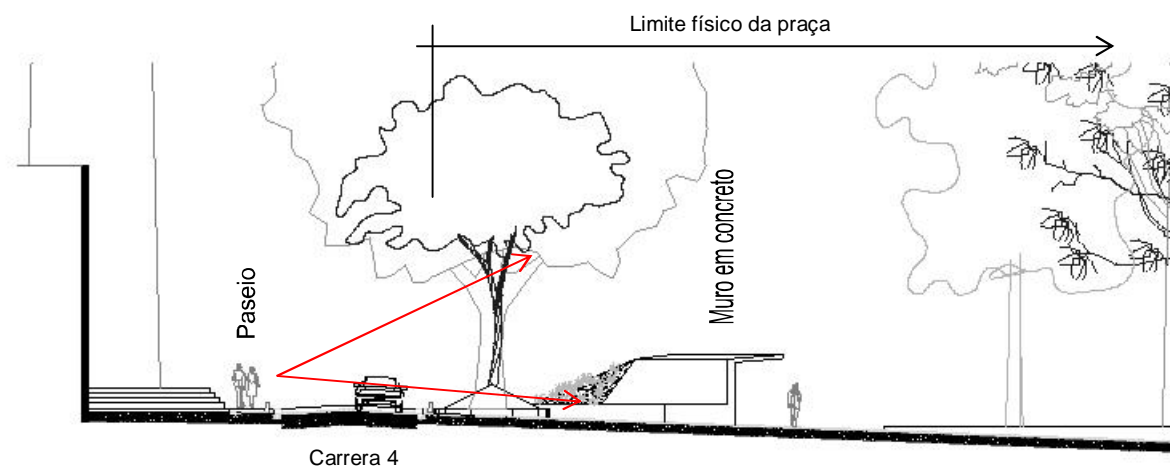
Figura 35 – Carrera 4 (2008). a praça está ao mesmo nível da rua, o que permite o fácil acesso para as pessoas com mobilidade física reduzida.



Figura 36 – Calle 6 e Carrera 5 (2009). Sobre estas duas vias a praça apresenta barreiras físicas que dificultam o fácil acesso as pessoas com mobilidade física reduzida.

Enquanto ao **acesso ou relação visual** com o espaço, esta se dá de maneira geral livre na praça. A praça está ao nível das ruas que conformam o espaço, fazendo visível e informando ao usuário sobre o local, o que propicia seu uso.

A praça apresenta apenas um único problema de acesso visual ocasionado pela implantação de um muro em concreto, sobre a esquina da *Carrera 4* e a *Calle 5*, o qual constitui uma barreira para o primeiro contato visual do usuário que se aproxima à praça por este espaço. Nas horas da noite, este muro gera sensação de insegurança já que ele não permite perceber o que ocorre do outro lado do muro (Fig. 37).



Escala 1:500

Figura 37 – Corte 3. O muro em concreto gera uma barreira visual para o usuário que se aproxima ao espaço pela Carrera 4.

Este muro feito em concreto alberga os engraxates, atividade encontrada na antiga praça, que por decisões políticas da prefeitura dever-se-ia manter no novo espaço. Segundo os arquitetos projetistas, quando os visitantes chegam à praça por a via principal, a *Carrera 4*, este muro com vegetação esconderia as atividades dos engraxates minimizando assim, seu impacto visual. Porém, a primeira percepção que se tem é que o muro em concreto está ocultando os diferentes espaços da praça.

O muro em concreto se concebeu como um canteiro para a parte exterior da praça, criando um subespaço de permanência sobre a Carrera 4. Este elemento está exposto á radiação solar, devido a sua orientação e localização, o qual não brinda suficiente sombra aos engraxates, fazendo com que estas pessoas tenham que usar elementos como o plástico sobre o muro para fornecer sombra e minimizar o ofuscamento, no entanto, gerando contaminação visual (Fig. 38 e 39).



Figura 38 – Muro em concreto (2008): canteiro. Cria uma pequena zona de permanência sobre a *Carrera 4*.



Figura 39 – Muro em concreto (2008): engraxates. No interior do muro encontra-se o espaço dos engraxates.

Já com relação ao **acesso simbólico ou social**, a praça principal de Pitalito não apresenta sinais sutis ou ostensivos, como fechamentos, grades, porteiros ou guardas, que sugiram que algum tipo de usuário não é bem-vindo ao espaço. Pode-se dizer que não existe nenhum tipo de controle social de acesso à praça.

Na figura 40 são resumidos os principais aspectos relacionados com o acesso físico e visual da praça, no qual ressalta-se dois problemas principais. O primeiro com respeito ao acesso físico que representa a utilização de escadas que impedem o acesso as pessoas com reduzida mobilidade física; O segundo problema de acesso visual, ocasionado pela implantação do muro em concreto onde se desenvolve a atividade dos engraxates, o qual interfere com uma clara percepção do espaço.

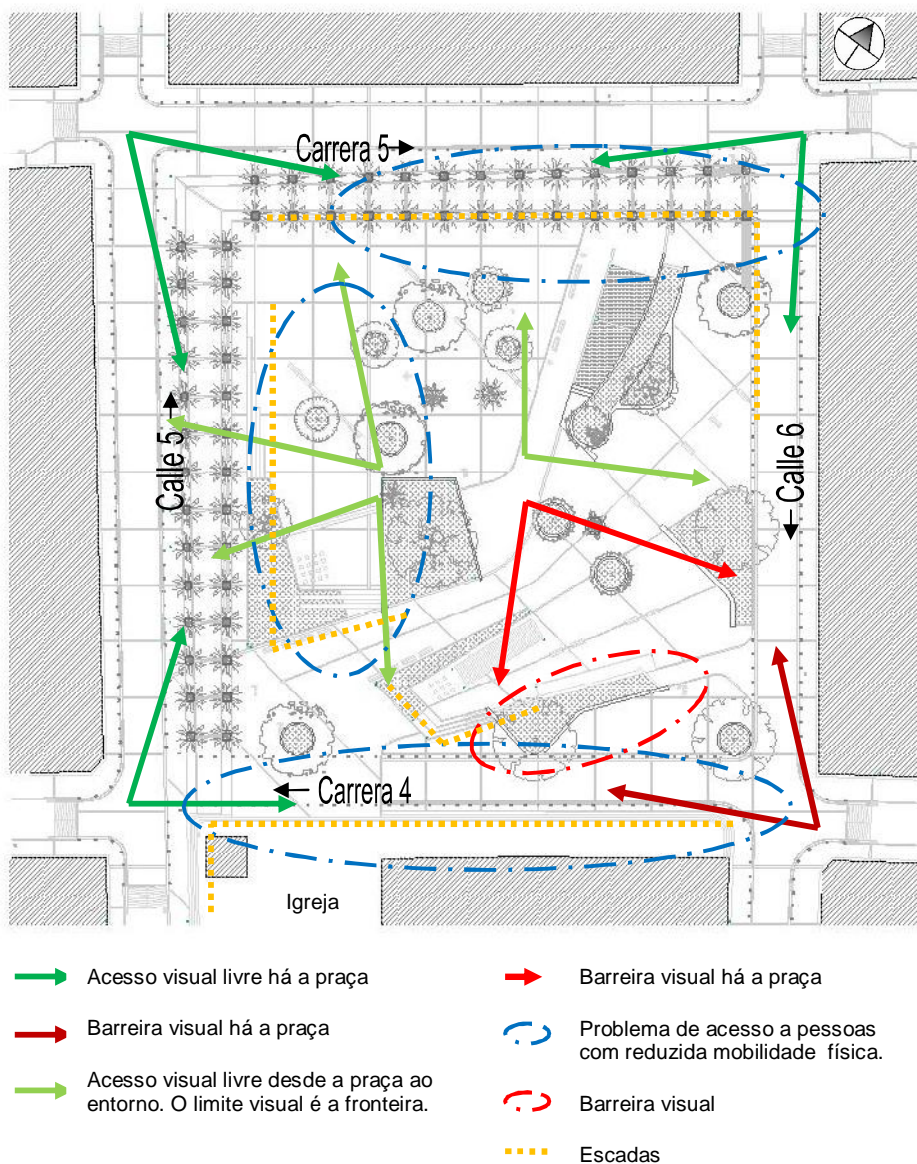


Figura 40 – Resumo acessibilidade da praça. Esc. 1:5000
 Fonte: desenho sobre plano subministrado pela prefeitura de Pitalito.

d) Mobiliário Urbano

O maioria do mobiliário urbano usado para a nova praça de Pitalito apresenta as mesmas características de desenho e especificações técnicas do mobiliário urbano usado nos projetos de espaço público da cidade de Bogotá, as quais foram desenvolvidas pelo *Instituto de Desarrollo Urbano* IDU desta cidade.

Para o desenvolvimento das características de desenho e das especificidades técnicas propostas para o mobiliário da cidade de Bogotá foi realizada uma serie de estudos e testes antes de ser adotado como o mobiliário padrão da cidade, desta

forma, visando garantir que o uso destes elementos atenderá requerimentos de conforto, seguridade, qualidade funcional e estética, e durabilidade. O mobiliário tornou-se um elemento que identifica a leitura do espaço público da cidade. (Fig. 41).



Figura 41 – Mobiliário urbano do espaço público em Bogotá.

Fonte: Cartilha do espaço público. IDU.

Para a proposta do mobiliário urbano da nova Praça de Pitalito não se realizaram nenhum tipo de estudos para definir as características que deveria apresentar este elemento, limitando-se assim à simples adoção de um mobiliário já estabelecido.

Como apresentado no capítulo 1, segundo Meza e Montoya (2005, p.26) os elementos que conformam o mobiliário urbano são: os elementos de descanso, os elementos de iluminação, os elementos de jardim e água, os elementos de comunicação, os elementos de serviços públicos, os elementos de comércio e os elementos de limpeza. Desta forma, e segundo esta classificação, descreveremos a continuação os elementos que conformam o mobiliário urbano da nova Praça de Pitalito.

Elementos de descanso: conformado por bancos em concreto, alguns com espaldar, se encontram localizados sobre as circulações mais legíveis da praça,

assim como também, em lugares concebidos para a permanência como é o caso da área da fonte e o espaço para apresentações culturais ao ar livre. Um 70% dos bancos estão expostos á radiação solar o que faz que durante o dia, quando é mais frequentada a praça, estes elementos não possam ser usados confortavelmente. Nas poucas zonas onde a vegetação gera sombra, é onde há menor número de bancos para sentar. (Fig. 42 e 43)



Figura 42 – Mobiliário urbano (2009):
Bancos localizados sobre o eixo de palmeiras sobre a *Calle 5*.



Figura 43 – Mobiliário urbano (2009):
Bancos localizados ao lado da fonte, sobre a *Carrera 5*.

Elementos de iluminação: Os elementos de iluminação (postes) utilizados na nova Praça de Pitalito foram doados pela empresa de energia elétrica do Huila (*Electrohuila*), cujo desenho obedece ao mobiliário urbano utilizado nos últimos anos nas intervenções do espaço público de Neiva, a capital do estado do Huila, os quais estão constituídos por um embasamento em concreto, o corpo é um tubo em ferro e a lâmpada é feita de aço. (Fig. 44).

A praça apresenta um único modelo de poste de iluminação com dois tamanhos diferentes. O primeiro tamanho é de 3 metros o qual é destinado para a iluminação pequenas áreas; e o segundo tamanho é de 6 metros o qual é destinado para iluminar as esquinas e o centro da praça.

Os postes de menor tamanho se apresentam espalhados por toda a praça e não atende a um determinado critério de iluminação, sua localização obedece à retícula principal do desenho que estrutura o pavimento,

A iluminação noturna da praça é moderada; sua tonalidade amarela gera uma sensação de abrigo e conforto, que junto com a iluminação de cor branca da fonte e das árvores gera um contraste de tonalidades contribuindo ao embelezamento e a segurança do espaço (Fig. 45).



Figura 44 – Mobiliário urbano (2008): poste de iluminação.



Figura 45 – Mobiliário urbano (2009): iluminação noturna.

Elementos de jardim e água: os canteiros da praça são em concreto e têm uma área de 720 m². Estes canteiros foram concebidos para proteger as árvores e o jardim da depredação por parte dos usuários, assim como também, para proteger os pavimentos dos danos que podem causar as raízes das árvores. Algumas das bordas dos canteiros apresentam umas dimensões adequadas e podem ser usadas como bancos (Fig. 46).

Com relação ao elemento água, encontra-se localizada uma fonte de água fabricada em concreto no espaço mais próximo a *Carrera 5*. Este elemento é muito atrativo e convida à contemplação e o lazer; sendo o espaço mais procurado tanto no dia como na noite, principalmente pelas crianças. A fonte funciona como elemento decorativo e de contemplação, que contribui para o conforto e o embelezamento do espaço (Fig. 47).



Figura 46– Mobiliário urbano (2008):
Canteiros

Figura 47 – Mobiliário urbano (2008): Fonte

Elementos de comunicação: A praça não apresenta elementos para a comunicação e a orientação como: elementos de sinalização, de informação e de publicidade.

Elementos de serviço público: A praça não apresenta elementos de serviço como telefones, estacionamento para bicicletas, jogos infantis, entre outros.

Elementos comerciais: A praça não apresenta suporte para elementos comerciais como bancas de jornal e livros, quiosques de flores, quiosques de café ou comestíveis.

Elementos de limpeza: No espaço só se apresentam como elementos de limpeza, as lixeiras, as quais são funcionais, tanto no sentido de depósito dos rejeitos quanto à coleta do mesmo. Oito lixeiras encontram-se espalhadas na área da praça, algumas destas estão localizadas ao lado dos bancos. A quantidade de lixeiras não é adequada para um bom funcionamento das necessidades do espaço, evidenciado em que as poucas lixeiras existentes geralmente permanecem cheias ocasionando que as pessoas joguem o lixo no pavimento, gerando assim, contaminação e degradação do espaço. Além da carência de lixeiras, dita problemática se incrementa pela falta de pessoal para manutenção da praça (Fig. 48).



Figura 48 – Mobiliário urbano (2009): lixeiras

No quadro 6 são apresentados os elementos que conformam o mobiliário urbano da nova Praça de Pitalito, identificando o tipo de elemento e a quantidade segundo o inventario realizado no espaço.

Quadro 6 – Identificação do mobiliário existente na praça principal de Pitalito

Elementos	Tipo	Quantidade	Localização
Descanso	Bancos em concreto e aço	34 com respaldo, 15 sem.	Regular
	Cubos em concreto	25	Adequada
Iluminação	Postes	22	Adequada
Jardim e água	Canteiros	720 m2	Regular
	Fontes	1	Adequada
Comunicação	x	x	x
Serviço público	x	x	x
Comerciais	x	x	x
Limpeza	Lixeiras	8	Adequada

Pode-se considerar em geral, que a nova Praça de Pitalito apresenta um mobiliário confortável e esteticamente agradável. Porém, este não garante a satisfação das necessidades básicas dos distintos usuários e não contribui para a identidade da paisagem urbana nem consolida a imagem da cidade, devido à homogeneização do espaço pela utilização de desenhos adotados de projetos desenvolvidos em outras cidades.

A seguir apresentaremos a síntese e as conclusões do estudo dos quatro aspectos básicos descritos anteriormente, os quais foram utilizados para entender como o projeto de reforma da Praça principal de Pitalito atendeu as características físicas e ambientais do contexto local.

3.8 Principais Observações do Estudo da Reforma da Nova Praça

A partir do estudo realizado sobre a reforma da nova praça observaram-se os seguintes aspectos positivos e negativos da intervenção:

Aspectos positivos:

- Com a priorização da mobilidade do espaço foram intervindas as ruas perimetrais da praça destinadas à circulação de veículos, diminuindo a largura destas e assim ganhar espaço para a circulação de pedestres. Com isto conseguiu-se diminuir tanto a velocidade de deslocamento quanto o tráfego veicular, o que supõe um melhoramento da qualidade ambiental do espaço, devido à diminuição da emissão de ruídos nocivos e a diminuição da emissão de gases contaminantes.
- Com a proposta do projeto da nova praça, de características contemporâneas e de intensa elaboração gráfica, se conseguiu a homogeneização da cor das fachadas do entorno da praça, a padronização da publicidade dos edifícios comerciais e institucionais do perímetro, o aprimoramento físico e estético dos pavimentos e a reposição do mobiliário que se apresentava em mal estado. Desta forma, é percebido um melhoramento da imagem física deteriorada da antiga praça e seu entorno ocasionada pela carência de manutenção física.
- A utilização do elemento água na proposta, através de uma fonte, tornou-se um atrativo para os usuários, principalmente para as crianças, o qual ambienta a paisagem e gera sensação de conforto na área onde esta se localiza.

Aspectos negativos:

- Com a diminuição de uma alta porcentagem da vegetação se perdeu o microclima que caracterizava à antiga praça, trazendo como consequência que 3/4 da praça fique exposta a intensa radiação solar, deteriorando assim, o conforto do espaço.
- A escolha e localização da vegetação proposta (palmeiras) não se adequam as características e necessidades ambientais do local, o qual precisa de espaços sombreados e confortáveis que garantam a permanência do usuário no local.
- A pouca utilização de vegetação fornecedora de sombra deixa que a radiação solar excessiva penetre no espaço e esquente a superfície da praça, causando um alto grau de ofuscamento e uma sensação de desconforto térmico devido à temperatura e a umidade relativa que caracteriza o entorno.
- Os espaços de permanência, e aqueles que albergam atividades culturais ou exposições ao ar livre estão totalmente expostos à incidência da radiação solar, o que faz que durante o dia sejam pouco freqüentados.
- Os espaços sombreados pela presença de vegetação, os mais freqüentados durante o dia e que convidam a permanecer, estão localizados sobre as áreas de circulação, o que dificulta o livre fluxo de pedestres.
- O acesso direto a todos os espaços da praça é limitado para as pessoas de mobilidade física reduzida pela carência de construção de rampas para superar os desníveis do espaço.
- O muro dos engraxates se converte em uma barreira visual que impede a percepção de toda a área da praça. Na noite esta barreira produz nos usuários uma sensação de insegurança.
- A adoção de mobiliário urbano utilizado no espaço público de outras cidades dificulta a consolidação de uma imagem própria da paisagem urbana da cidade.
- Ainda que o mobiliário urbano seja confortável e esteticamente agradável, este não atende nem satisfaz as necessidades básicas de uso no local devido à escassez e inadequada localização.

A partir do estudo realizado ao projeto de reforma da Praça de Pitalito, com base na escolha e estudo de quatro aspectos de desenho, conclui-se que o projeto de reforma da praça desconsiderou a maioria das características físicas e ambientais da cidade para responder adequadamente ao contexto local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação inicial do trabalho foi a preocupação pelas práticas remodeladoras do urbanismo contemporâneo que influenciam o desenvolvimento e requalificação de projetos de espaço público em cidades de pequeno porte que, na maioria dos casos, carecem de diretrizes claras de atuação urbanística que envolva as características históricas, sociais, culturais e ambientais da cidade. Assim, o desejo de estudar e compreender este fenômeno urbano por meio de um estudo de caso.

Desta maneira o trabalho teve como objetivo geral, o estudo do espaço livre público – Praça – das pequenas cidades, visando entender se o projeto arquitetônico responde às características físicas e ambientais do contexto local, segundo quatro aspectos básicos: os aspectos climáticos e ambientais, a vegetação, a acessibilidade e o mobiliário urbano. Como estudo de caso se estudou a reforma da praça principal da cidade de Pitalito – Huila na Colômbia.

No estudo se encontrou que a modificação do uso da antiga praça (de permanência e de contemplação), pelo uso da nova praça (a circulação), reduziu consideravelmente as áreas de permanência, excluindo assim, um grande número de usuários, principalmente da terceira idade, que usavam diariamente o espaço.

O eixo principal do desenho da praça, concebidos para albergar a circulação principal de pedestres, não funciona como tal, já que o fluxo normal de pedestres se desenvolve perpendicular a dito eixo. Isto acarreta que os percursos não sejam claros é, em ocasiones, tornem dificultoso o fluxo de pedestres.

Ainda que, no projeto fossem conservadas algumas árvores da antiga praça, e que se tinha plantado, principalmente, palmeiras, a vegetação da atual praça torna-se insuficiente para garantir o conforto e a permanência do usuário no local, além de apresentar uma inadequada localização nos espaços concebidos para o fluxo de pedestres, interferindo assim, com a circulação dos mesmos.

A principal característica da antiga praça era a criação de um micro-clima fornecido pela abundante vegetação apresentada no local o qual convidava a permanência e

vegetação, sendo estes os principais usos do espaço. Com a diminuição de uma alta porcentagem da vegetação esta característica se perdeu trazendo como consequência o desconforto ambiental do espaço.

A limitação da proposta do mobiliário que, contempla apenas, elementos para iluminação, descanso e limpeza, não contribui para diversificação de usos no espaço, já que a carência de pequenos equipamentos para o comércio, a informação e o lazer não satisfazem as necessidades de uso para todo tipo de usuários.

Os espaços destinados à permanência estão expostos à intensa radiação solar, apresentando pouca vegetação, assim como, carência de elementos arquitetônicos que gerem sombra, desta forma limitando seu uso às horas da noite.

A acessibilidade física universal e a acessibilidade visual vêm-se afetadas pela presença de barreiras arquitetônicas que dificultam uma apropriada relação dos usuários com o local

O projeto retoma conceitos e elementos arquitetônicos que caracterizam o espaço público de outras cidades colombianas, o que contribui à homogeneização do espaço público. A não utilização de elementos, símbolos ou signos que possam fazer referência à cultura da cidade, os quais poderiam contribuir a evocação do imaginário da população, debilita a consolidação da identidade e o fortalecimento da imagem da cidade.

Concluiu-se que o projeto da reforma da praça principal da cidade de Pitalito não respondeu adequadamente às características físicas e ambientais do entorno urbano. O projeto sugere a aparição de um tipo de arquitetura contemporânea de grande elaboração geométrica, porém, carece de valoração pelas questões sócio-culturais e das características e potencialidades físicas e ambientais do entorno.

Considera-se que o projeto arquitetônico e urbanístico dos espaços livres públicos deve garantir: a acessibilidade universal, a eliminação das barreiras físicas e visuais, o uso múltiplo, a integração com os elementos físico-ambientais do entorno e a articulação com o tecido urbano, como a forma mais adequada para propiciar a qualidade na construção da paisagem urbana.

Considera-se que antiga praça não requeria receber um projeto de reforma, apenas um projeto de manutenção física do espaço, principalmente dos pavimentos e do mobiliário, com o qual se teria propiciado ao melhoramento da imagem urbana sem afetar seus principais usos, a permanência, o encontro, a socialização e a contemplação. Os recursos humanos, técnicos e econômicos investidos, na consecução do projeto de reforma da praça, poder-se-iam ter investido na implantação de novos projetos que visaram à criação de uma rede de espaços públicos como resposta a carência destes espaços na cidade.

Faz-se necessário que na concepção dos projetos de espaço público sejam considerados sob o foco interdisciplinar, além das questões físicas e ambientais, os aspectos sócio-culturais, visando contribuir ao desenvolvimento de espaços mais humanos, diversificados, convidativos e democráticos.

O poder público local deve definir e adotar políticas, diretrizes, critérios e procedimentos para a elaboração dos projetos de espaço público, os quais devem incorporar os aspectos funcionais, físicos, ambientais e culturais da cidade, procurando a adequação dos projetos ao contexto local, o sustento da qualidade urbana e ambiental e, por conseguinte, o melhoramento da qualidade de vida dos cidadãos.

É importante orientar e a capacitar, aos profissionais encarregados do controle e planejamento urbano, sobre as políticas e diretrizes que regulamentam as atuações no espaço público de forma a procurar que os projetos atendam às exigências e necessidades urbanas, ambientais e sócio-culturais, visando com isto à qualidade das intervenções nos espaços urbanos.

Projetos que contemplam os quereres, necessidades e aspirações da população deixam de ser impositivos e passam a ser projetos baseados nas preocupações do coletivo, os quais, somados a uma leitura atenta das características e qualidades do entorno, podem gerar espaços ambientalmente adequados e confortáveis, o que contribui para a apropriação do espaço por parte dos usuários, ao convívio social e ao fortalecimento da identidade e da imagem da cidade.

Sugere-se que pesquisas e trabalhos futuros envolvam, para um estudo mais abrangente da adequação do desenho urbano do espaço público ao contexto local, os aspectos e características sociais e culturais da cidade, assim como também, medições das variáveis ambientais que interferem no espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANGO, Silvia; SALMONA, Rogelio. La arquitectura en la Ciudad. In: **La ciudad: Habitat de Diversidad y Complejidad**. Editorial Unilibros, Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, 2000. p.150

BARCELLOS, Vicente. **Os Parques como Espaços Livres Públicos de Lazer: o Caso de Brasília**, Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

BARCELLOS, Vicente. Os Novos Papeis do Parque Público. *in: Cadernos Eletrônicos da Pós*, PPG-FAU/UNB. Brasília, 2000.

BORJA, Jordi. **Gestión Integrada del Espacio Público**. Disponível em < www.barcelona2004.org> acesso em maio de 2009.

CALDAS de Borrero, Lyda. **La Flora en el Espacio Público**. Editorial Feriva. Cali, 2006.

DEL RIO, Vivente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. Editora Pini, Rio de Janeiro, 1990.

FORO URBANO. **Observatório de Bogotá**. Disponível em <www.forourbano.net> acesso em novembro 2007.

INSTITUTO DE DESARROLLO URBANO. **Guía de Lineamientos Ambientales para el Diseño de Proyectos de Infraestructura en la Ciudad de Bogotá**. Disponível em <www.idu.gov.co> acesso em dezembro de 2007.

_____. **Guía de Manejo Ambiental**. Disponível em <www.idu.gov.co> acesso em novembro de 2007.

_____. **Cartilla de Andenes**. Disponível em <www.idu.gov.co> acesso em Setembro de 2007.

_____. **Manual Verde para el Uso de la Vegetación en el Espacio Público**. Disponível em <www.idu.gov.co> acesso em Setembro de 2007.

_____. **Manual Especificaciones Técnicas de Materiales y Construcción para Proyectos de Infraestructura Vial y de Espacio Público en Bogotá**. Disponível em <www.idu.gov.co> acesso em Setembro de 2007.

LEITÃ, Lucia. **As Praças que a Gente tem, as Praças que a Gente Quer. Manual de Procedimentos para Intervenção em Praças.** Editora Prefeitura de Recife, Recife, 2002.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** Editora Martins Fontes. São Paulo, 2006.

MASCARÓ, Juan Luis. **Infra-Estrutura da Paisagem.** Editora Masquatro. Porto Alegre, 2008.

MINISTERIO DE TRANSPORTE, **Accesibilidad al Espacio Público y al Transporte.** Disponível em < www.mintransporte.gov.co> acesso em maio de 2009.

ROMERO, Marta Adriana. **Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano.** Pro Editores. São Paulo, 2000.

_____. **A Arquitetura Bioclimática do Espaço Público.** Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2001.

ROOBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras.** Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

SALDARRIAGA, Alberto. Espacio Público Y Calidad De Vida. In: **Revista Barrio Taller**, Serie Ciudad y Habita No. 3, 1996. Disponível em <www.barriotaller.org.co> acesso em maio de 2009.

SCHJETNAN, Mario; PENICHE, Manuel; CALVILLO, Jorge. **Principios de Diseño Urbano/Ambiental.** Editora Limusa. México, 2008.

SOCIEDAD COLOMBIANA DE ARQUITECTOS. **Arquitectura en Colombia y el Sentido de Lugar.** Editorial SCA. Bogotá, 2004.

Stringheta, B.O, et al. **Intervenção Arquitetônica e Paisagística da Praça Santo Antônio no Município de Guidoal, Minas Gerais.** Departamento de arquitetura e Urbanismo. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Brasil, 2007. Disponível em < www.maa.gb.gov.ar > acesso em abril de 2009.

SUN, Alex. **Projeto da Praça: Convívio e Execução no Espaço Público.** Editora Senac. São Paulo, 2008.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)